



FUNDAÇÃO  
CALOUSTE GULBENKIAN  
**NEWSLETTER**

NÚMERO 168  
SETEMBRO 2015



**Denis Mukwege**  
Prémio Gulbenkian 2015

4

### Prémio Gulbenkian 2015

Denis Mukwege é médico e tem dedicado a sua vida a operar e a reconstituir mulheres e crianças vítimas de violação e mutilação na República Democrática do Congo. A 20 de julho, dia em que recebeu o Prémio Calouste Gulbenkian 2015, Mukwege falou da coragem destas mulheres ao enfrentar um verdadeiro cenário de “terror” e da responsabilidade de todos para acabar com a barbárie: “Enquanto houver uma mulher violada pelo facto de ser mulher, ainda não foi tudo feito”.



© Mária Lesa



Delegação em França © R-P Ribiere

12

### 50 anos da Delegação em França

A celebração oficial do cinquentenário da Delegação em França da Fundação Gulbenkian está marcada para **dia 15**, em Paris, com a apresentação de um estudo sobre estes 50 anos de atividade e a inauguração de uma nova exposição de arte contemporânea portuguesa. As comemorações prolongam-se em Paris até 2016, com destaque para a exposição dedicada a Amadeo de Souza-Cardoso que terá lugar no Grand Palais.

16

### Combater a Diabetes

No dia **7 de setembro**, às 11h30, vai ser apresentado publicamente o Desafio Gulbenkian “Não à Diabetes!”, que junta autarquias e instituições de saúde locais, regionais e nacionais, envolvendo toda a sociedade numa iniciativa que pretende combater a progressão da diabetes em Portugal. Este Desafio decorre do estudo *Um Futuro para a Saúde – Todos temos um papel a desempenhar*, apresentado pela Fundação Calouste Gulbenkian em 2014.

A Fundação Calouste Gulbenkian é uma instituição portuguesa de direito privado e utilidade pública, cujos fins estatutários são a Arte, a Beneficência, a Ciência e a Educação. Criada por disposição testamentária de Calouste Sarkis Gulbenkian, os seus estatutos foram aprovados pelo Estado Português a 18 de Julho de 1956.

**NEWSLETTER** NÚMERO 168. SETEMBRO. 2015 | ISSN 0873-5980

Esta Newsletter é uma edição do Serviço de Comunicação

**DESIGN** José Teófilo Duarte | Eva Monteiro | João Silva | [DDLX] | **REVISÃO DE TEXTO** Rita Veiga

**IMAGEM DA CAPA** Mulheres congolanas no hospital de Panzi manifestam-se contra a violência © Lee Ann De Reus / Panzi Foundation

**IMPRESSÃO** Greca Artes Gráficas | **TRAGEM** 9 000 exemplares

Av. de Berna, 45, 1067-001 Lisboa, tel. 21 782 30 00 | info@gulbenkian.pt | www.gulbenkian.pt



Still do filme *Muxima*

29

## Próximo Futuro – música e teatro

A última edição do Programa Gulbenkian Próximo Futuro apresenta a Orquestra de Câmara Portuguesa (dias 4 e 5), e vários espetáculos de teatro inéditos em Portugal – da Argentina, do Chile e da Grécia. O teatro em português também marca presença com a peça encenada por Manuel Wiborg *Vou Lá Visitar Pastores*, a partir da obra do angolano Ruy Duarte de Carvalho. Até 15 de setembro, haverá ainda a projeção de filmes, música e conversas na Casa-Arquivo, no Jardim Gulbenkian.



© Pedro Pereira

33

## Orquestra Gulbenkian ao ar livre

No dia 20, a Orquestra Gulbenkian participa no *Lisboa na Rua*, uma iniciativa cultural de verão promovida pela Câmara Municipal. O concerto terá lugar ao ar livre, na Praça do Município, às 19h. Dirigida por Pedro Neves, a Orquestra dará a ouvir o *Bolero* de Ravel e *Scheherazade* de Rimsky-Korsakov. Este mês, a música passa ainda pelos festivais Cantabile e Jovens Músicos, com um programa variado e em vários locais, além do Grande Auditório da Fundação.

## ERRATA

No último número da Newsletter, uma lamentável troca de ficheiros levou a que alguns nomes de artistas surgissem erradamente associados à lista de autores representados na exposição *Olhos nos Olhos – O Retrato da Coleção do CAM*, patente na Sala de Exposições Temporárias da Sede da Fundação Gulbenkian. Foram eles: Ana Hatherly, António Areal, Candido Portinari, Carlos Botelho, Cruzeiro Seixas, Dórdio Gomes, Gil Teixeira Lopes, Helena Almeida, José Escada, Maria Beatriz, Mário Botas, Mário Cesariny, Nikias Skapinakis, Oskar Kokoschka, Paula Rego, Victor Palla e Victor Pomar. Aos artistas, seus herdeiros ou representantes, bem como aos nossos leitores, apresentamos o nosso mais veemente pedido de desculpas.

## índice

### primeiro plano

- 4 Denis Mukwege  
Prémio Gulbenkian 2015
- 10 Dia Calouste Gulbenkian

### notícias

- 12 50 anos da Delegação em França
- 16 Combater a diabetes
- 17 Mortes hospitalares podem aumentar em Portugal
- 17 Feira nacional das ONG
- 18 Homenagem a Jorge Sampaio
- 19 Um contributo para as políticas públicas
- 20 Melhorar a aprendizagem nas escolas
- 20 Mobilidade artística no Mediterrâneo e América Central
- 21 Apoio à internacionalização de artistas
- 22 Museu de Arte Cristã de Goa com projeto de renovação
- 23 Sara Chang Yan – Prémio de Artes Visuais para Jovens Criadores
- 23 Flautista da Orquestra Gulbenkian vence prémio internacional

### 24 breves

### bolseiros gulbenkian

- 26 Naércio Magaia

### em setembro

- 29 Música e teatro no final do Próximo Futuro

### atividades educativas

- 31 Dia das aves no Jardim Gulbenkian

### música

- 32 Festival Jovens Músicos
- 33 Orquestra Gulbenkian ao ar livre

### 34 exposições

### 36 novas edições

- 37 Catálogos de exposições na Biblioteca de Arte

### uma obra

- 38 Lourdes Castro / Herberto Helder



## Denis Mukwege

### Prémio Gulbenkian 2015

*Este ano, o Prémio Calouste Gulbenkian distinguiu o trabalho exemplar de Denis Mukwege, o médico congolês que tem dedicado a sua vida a operar e a reconstituir mulheres e crianças vítimas de violação e mutilação na República Democrática do Congo, um flagelo infelizmente comum em muitas zonas de conflito e que atinge contornos inimagináveis naquele país.*

O Prémio, no valor de 250 mil euros, foi entregue no dia 20 de julho, no Anfiteatro ao Ar Livre da Fundação, que foi pequeno para acolher as mais de mil pessoas que se juntaram para uma justa e sentida homenagem ao exemplo e coragem deste homem, que empreende há anos uma luta admirável pela defesa dos direitos das mulheres num país onde a violação e a mutilação sexual são utilizadas como arma de guerra.

#### **UMA REALIDADE SOMBRIA**

Denis Mukwege (n. 1955) formou-se em Ginecologia e Obstetrícia, mas a realidade do seu país empurrou-o para

uma dura especialização: o tratamento de mulheres violentadas pelas milícias armadas, prática que atingiu as piores proporções durante a guerra civil, entre 1998 e 2003. O hospital que fundou em 1999, em Bukavu – The Panzi Hospital –, tornou-se uma referência mundial na reparação e tratamento das lesões provocadas por este tipo de agressão. Dezenas de milhares de mulheres passaram por este hospital desde a sua fundação, beneficiando não apenas de apoio clínico, mas também de apoio psicológico, educacional, social e jurídico nas etapas subsequentes ao tratamento. Apesar de a guerra civil na República Democrática do Congo ter oficialmente terminado, vários grupos armados espalhados pelo território lutam pelo controlo dos riquíssi-



mos recursos naturais do país, criando um clima de guerra e de instabilidade, em que as mulheres se tornaram as principais vítimas. As violações em massa são um instrumento de domínio pelo terror e dão-se sistematicamente nas aldeias, com toda a comunidade a assistir. Normalmente, os agressores não ficam por aí, torturando e mutilando gravemente as mulheres. Muitas são agredidas com objetos cortantes, queimadas com substâncias químicas ou alvejadas a tiro nos órgãos sexuais.

Esta estratégia contribui para criar um clima de insegurança que obriga as populações a abandonar as aldeias, os seus campos e os seus bens, permitindo a ocupação do território e a exploração ilegal dos preciosos minérios utilizados na indústria tecnológica. As consequências são devastadoras, não só para as mulheres como para toda a comunidade, levando à destruição das economias familiares e do tecido social, provocando, simultaneamente, uma redução demográfica, já que muitas mulheres ficam incapazes de procriar.

#### **UM EXEMPLO DE CORAGEM**

Voz incómoda na denúncia do uso da violência sexual nesta guerra motivada por interesses económicos, Mukwege tem posto a nu a relação entre o comércio de minerais, os conflitos armados e as situações de abuso de direitos humanos. Há alguns anos, escapou por pouco à morte à porta de casa, num atentado que vitimou o seu segurança.

Nessa altura, abandonou o país com a família, mas acabou por voltar, inspirado pela atitude tocante das mulheres que tratou, que se mobilizaram, apelando ao Governo e à ONU, vendendo produtos no mercado para lhe comprarem um bilhete de volta. Perante isto, confessa não ter tido escolha. “A minha vida não vale mais do que a destas mulheres”, não se cansa de repetir, impressionado pela força e determinação que elas revelam a lutar contra as atrocidades de que são vítimas.

O seu papel à frente deste hospital e a corajosa denúncia desta situação valeu-lhe o reconhecimento internacional, tendo recebido, entre outros, o Prémio Olof Palme, em 2008, e o Prémio Sakharov, atribuído pelo Parlamento Europeu, em 2014.

#### **“O CORPO DAS MULHERES É USADO COMO CAMPO DE BATALHA”**

Num curto encontro com a comunicação social, Denis Mukwege falou de uma realidade difícil de imaginar. Descreveu uma guerra suja, da qual qualquer um pode ser cúmplice ao adquirir um aparelho eletrónico equipado com minérios extraídos ilegalmente pelos bandos de milícias armadas que aterrorizam o país. Pediu a colaboração dos jornalistas para que a comunidade internacional obrigue a respeitar uma linha vermelha que proíba atos como a violação em massa em zonas de conflito ou o treino de crianças para realizar esses atos contra as mulheres e as



comunidades. Dias depois desta conversa, o presidente Barack Obama discursou na sede da União Africana, na Etiópia, apelando para o fim das violações como arma de guerra, defendendo, ao mesmo tempo, perante para uma assembleia de líderes africanos, os direitos e a dignidade das mulheres. Sinais de esperança para uma situação que Denis Mukwege continua a denunciar.

#### **COM O FIM DA GUERRA CIVIL NÃO SERIA DE ESPERAR UMA SITUAÇÃO MENOS COMPLICADA NO CONGO?**

Infelizmente, as violações e agressões a mulheres na República Democrática do Congo ainda constituem um enorme problema porque se dão num contexto de conflito. Apesar do fim oficial da guerra, grande parte do território está ocupado por milícias armadas que continuam a violentar as mulheres, que não dispõem de qualquer proteção, e cujo corpo é usado como campo de batalha. A violação é usada como arma de guerra barata e terrivelmente eficaz, produzindo o mesmo impacto imediato que as armas convencionais, mas também a longo prazo, já que destrói, por vezes, comunidades familiares inteiras. Apesar de tudo, o número de zonas de conflito tem vindo a diminuir sensivelmente. Em média, recebemos cerca de seis mulheres por dia.

#### **ALGO TEM SIDO FEITO PARA MELHORAR A SITUAÇÃO?**

Enquanto houver uma mulher violada pelo facto de ser mulher, não foi tudo feito. Infelizmente, observamos que esta arma é usada em praticamente todos os conflitos – a

mulher é encarada como um alvo. Temos a responsabilidade de devolver à mulher a dignidade e o espaço que ocupa na sua comunidade. Ainda falta fazer bastante para pôr fim, ou pelo menos, para reduzir este tipo de violência. Até porque, cada vez mais, chegam bebês ao hospital e isso é terrível, abala e deprime toda a equipa que os acolhe e trata deles. Quando se vê um bebé de um ano com o períneo em pedaços, e falo também como pai ou como avô, atingimos um nível de horror inimaginável e intolerável. Quando uma comunidade não consegue proteger um bebé nada mais consegue proteger. É a pior coisa que se pode imaginar.

---

***Temos a  
responsabilidade de  
devolver à mulher a  
dignidade e o espaço  
que ocupa na sua  
comunidade.***

---

## **O FIM DA GUERRA NÃO TROUXE O FIM DO HORROR...**

Quinze anos após o fim da guerra, diria que existe, de facto, uma maior compreensão do perigo associado a esta arma horrível que é usada, no fundo, contra nós mesmos. O modo como as mulheres e as crianças são tratadas é uma questão que nos envolve a todos, é um problema da nossa humanidade comum. Aí houve um certo progresso, até porque foram tomadas algumas resoluções e foram criadas algumas leis em vários países.

## **O QUE SE PODE FAZER MAIS PARA ENFRENTAR ESTE FLAGELO?**

Devemos exigir à comunidade internacional que estabeleça uma linha vermelha que não possa ser ultrapassada.

Violar é recusar a humanidade do outro, é um crime e deve ser tratado como tal. Outro crime é incorporar crianças, vulneráveis, nas milícias armadas, manipulando-as e ensinando-as a violar e torturar, por vezes a própria família, a troca de comida e dinheiro. Foram estabelecidas linhas vermelhas na questão do uso das armas químicas, das armas nucleares, deve-se ser também implacável nestes casos.

Estas ações querem atingir toda a gente, a mensagem é “nós fazemos aquilo que não é concebível fazer”. É uma mensagem de poder e de terror. Isto não se passa só em África, mas também na Ásia e noutras zonas de conflito em países como a Síria, o Iraque ou a Colômbia. Não podemos tolerar estas ações, temos de lidar com elas como lidamos com as outras armas de destruição massiva e os responsáveis devem responder em tribunal pelos seus crimes.

## **É UM PROBLEMA QUE NÃO TEM TIDO A ATENÇÃO MERECEIDA POR PARTE DOS GOVERNANTES?**

Os governos não podem cruzar os braços, devem atuar de um modo firme contra os responsáveis, impedindo-os, por exemplo, de viajar, confiscando passaportes. Deve haver uma posição firme de cada um dos países e da comunidade internacional, isolando os responsáveis e obrigando-os a responder pelos seus atos. As crianças que se tornam agentes de destruição das mulheres e das comunidades acabam também por se tornar vítimas deste sistema, muitas delas acabando com graves perturbações psicológicas ou mesmo completamente destruídas. A estas crianças foi-lhes retirada a escolha de agir de outra maneira e são um perigo social.

É muito difícil recuperar crianças desviadas tão cedo do caminho, mas pelo menos tenta-se que não pratiquem as agressões incutidas. Quando são desmobilizadas e reenviadas para as famílias, muitas tornam-se militares e continuam a praticar as violações e mutilações.

## **DE QUE MODO O HOSPITAL APOIA ESTAS MULHERES VÍTIMAS DE VIOLÊNCIA?**

As mulheres chegam ao hospital com graves lesões genitais necessitando de uma cirurgia reconstrutiva (por vezes várias), num processo muitas vezes longo e difícil.

---

# *Violar é recusar a humanidade do outro, é um crime e deve ser tratado como tal.*

---

Apresentam, por isso, traumas profundos, pelo que o nosso trabalho passa também por lhes dar apoio psicológico.

Além disso, considerámos importante dar-lhes instrumentos para que, depois de curadas, reocupem um lugar na sociedade de forma autónoma. Criámos um programa para favorecer essa autonomia através da educação, promovendo o regresso das jovens à escola para que possam começar uma nova vida e sejam reintegradas na sociedade. A nossa preocupação não é apenas curar as mulheres, mas acompanhá-las e apoiá-las na reinserção social. Damos também apoio legal porque, nalguns casos, as mulheres conhecem os seus violadores, precisando da ajuda de advogados para recorrer aos tribunais. Prosseguimos o nosso trabalho, apesar das ameaças e dos ataques à nossa missão.

## **COMO É QUE A MAIORIA DESTAS MULHERES ULTRAPASSA OS TRAUMAS VIVIDOS?**

Depois de terem vivido estas experiências terríveis e após passarem pelo hospital e pelos centros de formação, quando retomam a vida pelas suas próprias mãos, estas mulheres tornam-se ativistas e agentes da mudança da sua própria sociedade. Sem a coragem destas mulheres, o nosso trabalho seria muito mais difícil. Temos o exemplo de jovens raparigas que tratámos, que não sabiam ler nem escrever e que, com o nosso apoio, estudaram e agora têm uma carreira profissional. Ou outras a quem concedemos pequenos empréstimos, a título de microcrédito, e que mostraram grande capacidade de montar os seus negócios. Impressiona a sua capacidade de organização, por vezes com tão pouco, depois de passarem pelos centros de formação. Depois do atentado de que fui alvo e que, infelizmente, matou o meu segurança, tomei a decisão de abandonar o país, mas a força destas mulheres trouxe-me de volta: mobilizaram-se, fizeram manifestações, escreveram ao Presidente da República, ao secretário-geral das Nações Unidas, e quando perceberam que não tinham resposta, começaram a vender legumes e frutas nos mercados para me comprarem um bilhete de avião de volta ao Congo. Perante isto não tive escolha possível. A minha vida não é mais importante do que a vida destas mulheres admiráveis que combatem pelos seus direitos. ■



Artur Santos Silva entrega o Prémio Gulbenkian 2015 a Denis Mukwege, na presença de Jorge Sampaio © Márcia Lessa

# Entrega do Prémio Gulbenkian

**N**a cerimónia de entrega do Prémio Gulbenkian 2015, Artur Santos Silva, presidente da Fundação Gulbenkian, enalteceu a figura do premiado, cuja dimensão humana e profissional entende “personificar o espírito de bem comum que sempre caracterizou Calouste Gulbenkian”. Destacando a coragem que revelou por ter regressado ao seu país depois do atentado que quase o vitimou, afirmou que o prémio foi entregue, este ano, entre as cerca de 70 nomeações, “a quem melhor procurou defender os valores da condição humana, numa perspetiva de solidariedade entre pessoas, países e regiões”, considerando-o um verdadeiro exemplo para a humanidade.

Jorge Sampaio, presidente do júri, destacou também “o infatigável e corajoso desempenho” de Denis Mukwege, que o converteu num “símbolo forte” da luta pelo “reconhecimento da dignidade e dos direitos iguais e inalienáveis de todos os membros da família humana”. Defendendo a responsabilidade das organizações da sociedade civil e dos povos em “despertar a consciência da humanidade” afirmou

“serem precisas pessoas como Mukwege, capazes de aliar “um extraordinário sentido de profissionalismo a uma poderosa exigência de humanismo”. São pessoas assim, afirmou, “que mostram o caminho ao liderar pelo exemplo” e que nos dão razões para confiar “na nossa capacidade de construir um mundo em que todos os homens, todas as mulheres e todas as crianças possam aspirar à dignidade”. Aplaudido de pé pelas mais de mil pessoas que encheram o Anfiteatro ao Ar Livre, Denis Mukwege agradeceu a distinção, lembrando o altruísmo de Calouste Gulbenkian e afirmando estar ali “graças à visão deste homem que pensou para além do presente, preocupando-se com o bem-estar das gerações futuras”. Perante uma plateia visivelmente emocionada, falou das violações em massa no seu país, um “suplício há muito ignorado”, alertando para um cenário de profundo horror “que ultrapassa o entendimento”, em que, para além das mulheres e crianças, já nem os bebés são poupados. Lembrou a extrema “eficácia” desta “estratégia de guerra”, baseada em “atos bárbaros” e apelou



Hospital Panzi em Bukavu © D.R.

***“Precisamos de pessoas como Denis Mukwege, que alia um extraordinário sentido de profissionalismo a uma poderosa exigência de humanismo”*** Jorge Sampaio

à comunidade internacional para “usar todos os meios possíveis” para acabar com estas atrocidades, “atacando as suas causas profundas”.

Dizendo sentir-se “encorajado” por alguns passos já dados (como a aprovação, no Parlamento Europeu, de uma proposta que visa a aquisição responsável de minerais para a produção de bens de consumo, sobretudo tecnológicos), defendeu que todos os consumidores devem exigir saber se o seu computador é “limpo” ou se, pelo contrário, os elementos eletrónicos utilizados no seu fabrico estão associados à violência sexual. “O fabricante devia fornecer essa informação de modo a não nos associarmos indiretamente ao pior dos crimes cometidos neste princípio dos século XXI.” Só assim, concluiu “se conseguirá travar este assalto desenfreado aos recursos naturais do país” e transformar os “minérios de sangue” em “minérios de desenvolvimento e de paz”.

#### **PRÉMIO GULBENKIAN**

No valor de 250 mil euros, o Prémio Calouste Gulbenkian é atribuído a uma instituição ou a uma pessoa, portuguesa ou estrangeira, que se tenha distinguido na defesa dos valores essenciais da condição humana. Foi atribuído pela primeira vez em 2012 à West-Eastern Divan Orchestra, a formação liderada por Daniel Barenboim, tendo nos anos seguintes, contemplado, respetivamente, a Biblioteca de Alexandria (2013) e a Comunidade de Santo Egídio (2014). O Júri do Prémio Calouste Gulbenkian é constituído por Jorge Sampaio (presidente), Vartan Gregorian (Carnegie Corporation, EUA), comandante Pedro Pires (antigo Presidente da República de Cabo Verde), SAR princesa Rym Ali da Jordânia (fundadora do Jordan Media Institute), António Nóvoa (antigo reitor da Universidade de Lisboa) e Mónica Bettencourt-Dias (investigadora do Instituto Gulbenkian de Ciência). ■

# Dia Calouste Gulbenkian



1. Cerimónia de deposição de flores na estátua de Calouste Sarkis Gulbenkian
2. Lançamento dos livros *O olhar misterioso de Helena Fourment* e *Calouste Gulbenkian. História de um homem invulgar e da sua fabulosa coleção* com as autoras Ana Maria Magalhães e Isabel Alçada
3. Aspeto do anfiteatro durante a cerimónia de entrega do Prémio Gulbenkian e concerto
4. Atuação da Orquestra Gulbenkian no Anfiteatro ao ar livre
5. Carlos Cardoso (tenor) e Jan Wierzba (maestro) no final da atuação com a Orquestra Gulbenkian
6. Inauguração da exposição *Olhos nos Olhos. O Retrato na Coleção do CAM*

Fotografias de Márcia Lessa







Sede da delegação em França © P Ribiere

## Comemorações dos 50 anos da Delegação em França

*Realiza-se este mês a celebração oficial do cinquentenário da Delegação em França da Fundação, com a apresentação de um estudo sobre os 50 anos de atividade da Fundação em Paris e a inauguração de uma nova exposição de arte contemporânea portuguesa. As comemorações prolongam-se em Paris até 2016.*

No dia 15 de setembro, a Delegação em França da Fundação Calouste Gulbenkian celebra oficialmente a passagem de 50 anos da sua presença em Paris. Numa sessão que conta com a presença da presidente da Câmara de Paris, Anne Hidalgo, será apresentado um estudo elaborado por Rui Ramos, professor do Instituto de Ciências Sociais, convidado pela Fundação para refletir sobre os 50 anos de atividade em Paris. No mesmo dia, é inaugurada a exposição *Au sud d'aujourd'hui. Art contemporain portugais [sans le Portugal]*.

Nesta exposição, com curadoria de Miguel von Hafe Perez, pretende-se mostrar “um segmento da contemporaneidade que circunstancialmente se plasma com artistas portugueses”,

e não mapear uma realidade nacional. Assim, o conjunto de artistas plásticos portugueses que aqui apresentam o seu trabalho tem “um pé no país” (embora em alguns casos essa posição seja metafórica, porque são residentes no exterior) e “a cabeça a olhar o mundo”, diz o curador. A exposição inclui obras de Ana Santos, André Cepeda, Arlindo Silva, Carla Filipe, Carlos Bunga, Daniel Barroca, João Maria Gusmão e Pedro Paiva, Mauro Cerqueira, Sónia Almeida e Von Calhau! e pode ser visitada até dia 13 de dezembro.

As comemorações do cinquentenário da Delegação em França prolongar-se-ão até 2016, culminando na mostra dedicada à obra de Amadeo de Souza-Cardoso, que o Grand

Palais vai acolher a partir de abril, nas galerias que este ano já foram ocupadas com uma grande exposição de obras de Velasquez. A exposição de Amadeo em Paris será uma oportunidade inédita para dar a conhecer a um público global o trabalho daquele que é “provavelmente o mais importante artista modernista português”, nas palavras da curadora Helena de Freitas.

Como parte das comemorações deste cinquentenário, entre janeiro e abril de 2016, também será apresentada uma exposição de trabalhos recentes de Julião Sarmento, com curadoria de Ami Barak, na Delegação da Fundação; e na Cité de l’architecture et du patrimoine, entre abril e agosto, será apresentada a exposição *Les universalistes. Architecture portugaise 1965-2015*, com curadoria do arquiteto Nuno Grande, que assinala “a vocação universalista das últimas gerações de arquitetos portugueses, sempre em diálogo com o mundo”. Da lista de arquitetos presentes nesta exposição constam Fernando Távora, Álvaro Siza Vieira, Eduardo Souto de Moura, Pancho Guedes, os irmãos Aires Mateus, Gonçalo Byrne, Ruy Athougua e Nuno Teotónio Pereira, entre outros.

#### OUTROS DESTAQUES

Ainda este ano, realiza-se na Delegação, a 21 de setembro, um debate sobre o arménio ocidental, língua da diáspora, considerada “em risco” pela UNESCO desde 2010. Nos dias 21 e 22 de outubro, terá lugar na Delegação um colóquio sobre *As artes da língua portuguesa*, que reúne académicos e artistas de diferentes áreas, sensibilidades e proveniências, para discutir o que podem as artes fazer especificamente em português e como se pode afirmar a língua portuguesa num contexto hostil de globalização. Um colóquio comissariado por Paulo Filipe Monteiro que conta com



O Terceiro Burro, João Maria Gusmão e Pedro Paiva



Daniel Barroca © Cortesia do Artista



Les Universalistes en voyage Ö travers la Grâce © D.R.

a participação de Dulce Maria Cardoso, Michel Chandeigne, Andreia Pinto-Correia, Ondjaki, Rui Vieira Nery, Maria do Rosário Pedreira, Luísa Sobral e Rui Zink, entre outros.

A 10 de novembro, haverá uma conferência sobre a inovação como motor de competitividade europeia, organizada em parceria com o Instituto Jacques Delors; e a 12 de novembro, realiza-se um Encontro de Fundações para discutir “A Filantropia no Século XXI: construir o bem comum”, em colaboração com o Centre français des fonds et fondations e a Fondation de France

A 19 de novembro, são apresentadas três publicações reeditadas também por ocasião dos 50 anos da Delegação em França, numa parceria com as Éditions Gallimard e com coordenação editorial de Luísa Braz de Oliveira: *Eduardo Lourenço, Une vie écrite*, uma seleção de ensaios; *Cinq poètes portugais – Eugénio de Andrade, Herberto Helder, Nuno Júdice, Fernando Pessoa, António Ramos Rosa*; e *Luís de Camões, Les Lusíadas*, tradução de Hyacinthe Garin (1889), numa edição de André Velter, com prefácio de Vasco Graça Moura e nota introdutória de Eduardo Lourenço. Esta edição de *Os Lusíadas* em França marcará igualmente os 50 anos da coleção Poésie da editora Gallimard. ■



Inauguração do Centre Culturel Portugais, a 3 de maio de 1965. Da esq. para a dir.: Fernando de Azevedo, André Malraux, ministro da Cultura, Azeredo Perdigão e Robert Gulbenkian © D.R.

## 50 anos da delegação em França

*O Centro Cultural de Paris, que ocupou até 2011 a antiga residência de Calouste Gulbenkian, na avenue d'Iéna, encontra-se hoje a funcionar na outra margem do Sena, perfeitamente inscrito na vida cultural parisiense, num edifício totalmente adaptado às exigências de uma programação contemporânea.*

**O** que começou por ser um centro predominantemente focado na divulgação da cultura portuguesa em França, numa época em que as autoridades portuguesas não desenvolviam uma atividade de divulgação cultural consistente no estrangeiro – lembre-se que o Instituto Camões só abriria as portas do seu Centro Cultural Português em Paris em 1996 –, é hoje um centro com presença no circuito da arte contemporânea da capital francesa, que desenvolve parcerias com importantes instituições académicas, científicas e culturais europeias e que detém uma biblioteca com o maior acervo lusófono fora de Portugal e do Brasil.

### **DE RESIDÊNCIA A CENTRO CULTURAL**

Em 1960, cinco anos após a morte de Calouste Gulbenkian e quatro anos depois da assinatura do decreto-lei que aprovava os estatutos da Fundação Calouste Gulbenkian em Portugal, o Governo francês autorizava finalmente “a livre saída” para Lisboa das peças de arte que ainda habitavam a magnífica mansão do colecionador de origem arménia, na avenue d'Iéna, com vista para o Arco do Triunfo. Calouste Gulbenkian tinha adquirido este *hôtel particulier* em 1922, para residência da família, e o edifício sofreu obras profundas, de acordo com um projeto de arquitetura especialmente concebido para acolher o essencial das muitas obras de arte que o colecionador considerava como “suas filhas”. As negociações com André Malraux, ministro da Cultura de

De Gaulle, que envolveram a Embaixada de Portugal em Paris e que permitiram resolver por via diplomática a delicada questão da saída de França de uma coleção de arte única, abririam assim o caminho para o estabelecimento de um centro cultural em Paris, na avenue d'Iéna. Na ata do Conselho de Administração da Fundação, com data de janeiro de 1960, dá-se conta do “feliz resultado das negociações”, é ainda registada a intenção de a Fundação avançar na compra do terreno onde viria a ser construída uma residência para estudantes portugueses na Cidade Universitária Internacional de Paris. A Maison des étudiants portugueses abriria em 1967.

Em 1965, cerca de quatro anos antes da inauguração dos edifícios da Sede e Museu da Fundação Calouste Gulbenkian, em Lisboa, começa então a funcionar em Paris o Centro Cultural Português, hoje Centro Cultural Calouste Gulbenkian, constituído inicialmente em torno de uma biblioteca de língua portuguesa com um núcleo de mais de 20 mil títulos.

Tendo como objetivo criar um forte envolvimento com a cultura e a vida intelectual francesa, a direção do centro seria assegurada ao longo do tempo por figuras proeminentes da cultura portuguesa, como Joaquim Veríssimo Serrão, José V. de Pina Martins, José-Augusto França e Maria de Lourdes Belchior. Em janeiro de 2012, a direção do centro foi assumida por João Caraça, que até então havia dirigido o Serviço de Ciência da Fundação.

Para além da biblioteca, um suporte importante para o desenvolvimento dos Estudos Portugueses em França, o

centro sempre promoveu a cultura portuguesa e os artistas portugueses na capital francesa, de forma consistente e sustentada.

Ao longo de 50 anos, realizaram-se centenas de atividades entre colóquios, conferências, lançamento de obras, mesas-redondas e seminários, exposições, concertos e recitais, sessões de leitura, representações teatrais e projeções de filmes. Entre os protagonistas destas atividades, mencione-se a presença regular na avenue d'Iéna de figuras cimeiras da cultura portuguesa, mas também da francesa, como Álvaro Siza Vieira, António Lobo Antunes, Antonio Tabucchi, Arpad Szenes, Arshile Gorky, Dominique Wolton, Edgar Morin, Eduardo Lourenço, Emmanuel Nunes, Gilles Lipovetsky, Jean Dubuffet, Jorge Amado, Jorge Martins, José Saramago, Júlio Pomar, Manoel de Oliveira, Maria Helena Vieira da Silva, Maria João Pires, Maria de Medeiros e Paula Rego, entre muitos outros.

### **BOULEVARD DE LA TOUR MAUBOURG, 39**

Porém, ao longo dos seus 50 anos de vida, as atividades do Centro Calouste Gulbenkian, tal como o mundo à sua volta, foram-se transformando. A expansão da biblioteca, que hoje dispõe de um fundo de cerca de 90 mil obras, muitas delas em livre acesso, abrangendo todos os domínios das ciências humanas em estreita relação com a cultura e língua portuguesas, necessitava de mais espaço e de melhores condições para o seu depósito. A 17 de outubro de 2011, abre-se então um novo ciclo de vida da Delegação em França da Fundação Calouste Gulbenkian: as novas instalações passariam a funcionar no boulevard de la Tour Maubourg, 39, em Paris.

A mudança para o novo edifício nos Invalides, datado de 1869, com cerca de 1900 metros quadrados distribuídos por cinco andares e uma cave, e com um projeto de adaptação da arquiteta Teresa Nunes da Ponte, marca também, de forma mais evidente, uma viragem nas atividades do centro, como observa Rui Vilar, no catálogo da exposição *Memória do Sítio*, que em 2011 contava a história do palacete de Calouste Gulbenkian na avenue d'Iéna: "Acompanhando os sinais dos tempos e as mudanças em Portugal e na Europa, a Fundação foi também atualizando a ordem das suas prioridades em França, sempre no sentido de inovar e responder a desafios transnacionais. Mantendo a preocupação de qualidade do passado, nos últimos anos alargou consideravelmente a sua ação às grandes questões contemporâneas, iniciando designadamente um ciclo de conferências sobre temas europeus e tendo, também no campo das artes, investido significativamente na divulgação da fotografia."

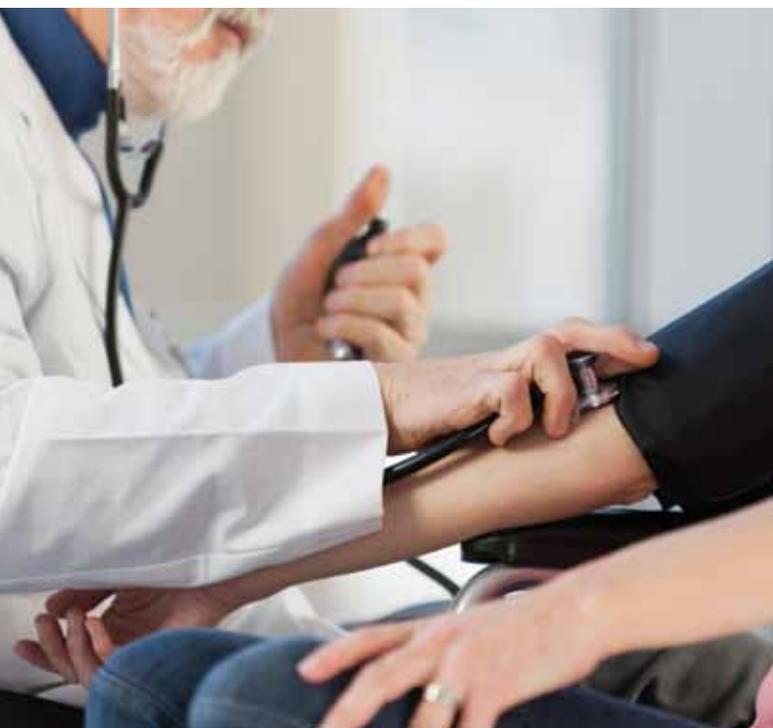
Foi precisamente uma exposição de fotografia (e de vídeo), *Terre transformée*, que inaugurou a área expositiva do novo espaço no boulevard de la Tour Maubourg, em outubro de



Biblioteca da Delegação em França © R-P Ribiere

2011, com trabalhos de artistas como Tacita Dean, Filipa César ou Claudia Angelmeier. Seguir-se-ia uma exposição de Paula Rego em janeiro de 2011; e a fotografia voltaria à Fundação em Paris com a exposição *Apparitions*, de Gérard Castello-Lopes, em abril do mesmo ano. Em setembro de 2012, a Delegação acolheria a primeira edição do European Photo Exhibition Award (epea), um projeto organizado em conjunto com outras três fundações europeias – Fondazione Banca del Monte di Lucca (Itália), Körber-Stiftung (Alemanha) e Institusjonen Fritt Ord (Noruega) – com o objetivo de criar um espaço de reflexão para as diferentes perspetivas sobre as muitas questões contemporâneas que compõem as identidades europeias. Outras mostras que se destacam no passado recente do Centro Calouste Gulbenkian incluem a exposição da artista afegã Lida Abdul, que já tinha sido exposta no CAM, em Lisboa, e a exposição de Manuela Marques.

Em 2015, a exposição *Pliure*, sobre os livros e a arte, trouxe à Delegação nos primeiros meses do ano muitos novos visitantes, movidos pelos ecos positivos na imprensa francesa. Comissariada por Paulo Pires do Vale, a segunda parte desta mostra, que pôs lado a lado artistas como Joseph Beuys, Dürer, Fernanda Fragateiro, Matisse, Georges Méliès e Diogo Pimentão, foi apresentada no Palais des Beaux-Arts, numa coprodução com a École nationale supérieure des beaux-arts de Paris. Mas foi a exposição *Modernités: photographie brésilienne (1940-1964)*, já apresentada também em Lisboa, que contou com o maior número de visitantes de sempre na Delegação, com uma afluência que ditou o prolongamento da exposição até final de agosto. Cinquenta anos depois da sua inauguração, pode dizer-se que a Delegação em França da Fundação Calouste Gulbenkian ocupa hoje um lugar assinalável na paisagem cultural e artística de Paris. ■



# Combater a diabetes

*No dia 7 de setembro é apresentado publicamente o Desafio Gulbenkian “Não à Diabetes!”, que junta autarquias e instituições de saúde locais, regionais e nacionais, envolvendo toda a sociedade numa iniciativa que pretende combater a progressão da diabetes em Portugal. A sessão realiza-se no Auditório 3, às 11h30, com entrada livre.*

O projeto “Não à Diabetes!” tem dois objetivos: evitar que 50 mil pré-diabéticos desenvolvam a doença nos próximos cinco anos e identificar, no mesmo período, 50 mil diabéticos que desconheçam ser portadores da doença. Preparado para arrancar inicialmente em municípios da Grande Lisboa, Alto Trás-os-Montes, Lezíria do Tejo e Frente Atlântica, o projeto será progressivamente alargado ao resto do país. Cada município fará o rastreio de 25 por cento da sua população adulta, encaminhando os indivíduos identificados como potencialmente diabéticos ou pré-diabéticos para os Centros de Saúde, onde serão desenvolvidos programas educativos para promover a adoção de estilos de vida saudáveis.

Portugal é o país europeu com a taxa mais alta de prevalência de diabetes: 13 por cento da população com idade entre os 20 e os 79 anos, segundo o relatório de Saúde da OCDE de 2014. O tratamento da doença e das suas complicações representa atualmente cerca de 10 por cento da despesa de saúde no nosso país. Em 20 ou 25 anos, esta percentagem poderá chegar aos 15 por cento, com gastos diretos com a diabetes em mais de três mil milhões de euros, se não houver uma intervenção integrada dirigida à mudança dos hábitos de vida e à identificação dos indivíduos em risco. Mais de um milhão de portugueses tem diabetes, e destes, um pouco menos de metade desconhece ter a doença que, por isso, progride silenciosamente. Por outro lado, está provado que a diabetes tipo 2, a que mais tem aumentado, pode ser prevenida ou, pelo menos, o seu aparecimento pode ser atrasado de modo significativo.

## **RECOMENDAÇÃO VOTADA POR UNANIMIDADE**

O projeto de âmbito nacional “Não à Diabetes!”, que decorre do estudo *Um Futuro para a Saúde – Todos temos um papel a desempenhar*, apresentado pela Fundação Calouste Gulbenkian em 2014, será coordenado pela Associação Protetora dos Diabéticos em Portugal. Entre os parceiros do projeto está o Ministério da Saúde, a Direção-Geral de Saúde, a Associação Nacional de Municípios Portugueses, a Associação Nacional de Farmácias, as farmacêuticas Merck Sharp & Dohme e Novartis, a Fundação AstraZeneca e a Sociedade Portuguesa de Diabetologia.

No passado dia 19 de junho, o projeto “Não à Diabetes!” foi já destacado entre várias recomendações da Assembleia da República ao Governo, no âmbito do reforço das medidas de prevenção, controlo e tratamento da diabetes. O projeto de resolução n.º 1540, votado por unanimidade, reconhece a iniciativa da Fundação Calouste Gulbenkian como “fundamental para fazer desacelerar a atual progressão da diabetes no nosso país e deverá merecer todo o suporte do Governo e das diversas administrações, principalmente nas áreas da Saúde, da Educação, da Administração Interna e do Desenvolvimento Regional.” O mesmo documento recomenda, entre outras medidas, a aprovação de legislação que desincentive o consumo de alimentos e bebidas pobres em nutrientes e com elevado teor de açúcar. ■

# Mortes hospitalares podem aumentar em Portugal

**A**té 2030, três em cada quatro mortes poderão ocorrer em hospitais se nada for feito para inverter a atual tendência de morte hospitalar em Portugal, alerta um novo estudo publicado na revista *Palliative Medicine*. O estudo, liderado pelo King's College London em colaboração com o Centro de Estudos e Investigação em Saúde da Universidade de Coimbra, e que conta com o apoio da Fundação Calouste Gulbenkian, afirma que Portugal tem uma das mais marcadas tendências de morte hospitalar a nível mundial, apesar de se saber que, numa situação de doença avançada e se lhes fosse dado a escolher, a maior parte das pessoas preferiria morrer em casa.

O estudo revela um aumento drástico da percentagem de pessoas com 85 anos ou mais que morrem nos hospitais: entre 1988 e 2010, passou de 28 para 54 por cento. “Somos um dos países mais envelhecidos do mundo e temos uma das mais acentuadas tendências de morte hospitalar – isto é preocupante, sobretudo se considerarmos que os mais idosos são os que mais preferem morrer em casa e, no entanto, são os que mais morrem nos hospitais”, diz a autora

principal do estudo, Vera Paiva Sarmento, que defende uma estratégia nacional focalizada no desenvolvimento dos cuidados paliativos domiciliários. Sabe-se que as equipas de cuidados paliativos domiciliários duplicam as probabilidades de morrer em casa e reduzem a carga sintomática para pessoas com doença avançada.

“Estamos perante um problema grave de saúde pública que não podemos continuar a ignorar. A tendência que observamos não é sustentável nem desejada pela população”, afirma também Bárbara Gomes, líder da equipa que, desde 2011, tem desenvolvido no King's College a investigação no sentido de otimizar os cuidados paliativos domiciliários em Portugal, apoiada pela Fundação Calouste Gulbenkian. A coordenadora do estudo *Preferências e locais de morte em regiões de Portugal em 2010*, divulgado em 2013, sublinha: “É preciso planear já, para que, no futuro, e independentemente de onde vivam, os portugueses possam passar os últimos meses, semanas e dias da sua vida onde querem estar, com a máxima qualidade de vida possível e devidamente acompanhados.” ■

## Feira nacional das ONG

**A** primeira Feira das Organizações não Governamentais (ONG), uma iniciativa do Programa Cidadania Ativa / EEA Grants, vai realizar-se no âmbito da 8.ª edição do Greenfest, o maior evento dedicado à sustentabilidade em Portugal. A edição deste ano, que terá lugar de **8 a 11 de outubro** no Estoril, é dedicada à Cidadania Ativa e dará ênfase à vertente social e ao papel que a comunidade e as suas organizações podem desempenhar numa sociedade sustentável. Estará representada uma centena e meia de ONG nacionais de várias áreas, com destaque para os serviços sociais, a saúde, a defesa dos direitos humanos e a ajuda ao desenvolvimento. Cerca de metade destas organizações desenvolve projetos apoiados pelo Programa Cidadania Ativa da Fundação Gulbenkian. Estarão também representadas organizações de países como a Noruega, Polónia, Letónia, Islândia e Croácia. Cada ONG terá uma banca para apresentar os seus projetos e atividades, angariar voluntários e donativos e vender artigos e produtos próprios. O Greenfest é um evento que atrai uma média de 22 mil visitantes por edição, mas devido ao elevado número de



ONG representadas, com os seus públicos fiéis, calcula-se que este ano irá mais longe na animação, diversidade e número de visitantes. A Fundação Calouste Gulbenkian é o principal patrocinador desta edição e estará representada num stand próprio no Centro de Congressos do Estoril. ■



## Homenagem a Jorge Sampaio

*No final de julho, o Auditório 2 da Fundação Calouste Gulbenkian encheu-se para comemorar a atribuição do primeiro Prémio Nelson Mandela ao antigo presidente da República, Jorge Sampaio. A cerimónia foi marcada pelas palavras do presidente da Fundação, Artur Santos Silva, da embaixadora da África do Sul, Keitumetse Matthews, dos antigos ministros da saúde António Correia de Campos e Leonor Beleza e do laureado.*

“**E**moção, comovida honra e o mais profundo orgulho”, foram os sentimentos realçados por Jorge Sampaio ao ter sido galardoado com o Prémio Nelson Mandela, assumindo, no entanto, “a pesada responsabilidade e carga simbólica do seu nome”. Perante uma plateia “cheia de amigos”, Jorge Sampaio lembrou todos os “rostos anónimos” que com ele têm colaborado, nomeadamente no combate à tuberculose [Sampaio foi enviado especial do secretário-geral da ONU para o Combate à Tuberculose entre 2006 e 2012], e dedicou também o prémio a “todas as pessoas envolvidas num esforço de voluntariado notável e inteiramente altruísta”.

No entanto, nem todo o discurso foi pautado por palavras de agradecimento. O antigo Presidente afirmou que “este novo século começou mal”, devido a “um cortejo de indes-

critíveis violências, situações de terror múltiplo e geograficamente disperso, crises económicas e financeiras demolidoras de um desejável progresso social”. Por isso, sublinhou a importância de lembrar nomes como o de Nelson Mandela, “que servem de exemplo para nos ajudarem a acreditar num futuro melhor” e a “obrigação moral e cívica” que todos temos enquanto cidadãos do mundo “de estarmos mais atentos e apoiarmos aqueles que lutam denodadamente pela paz”.

O Prémio Nelson Rolihlahla Mandela, atribuído pela primeira vez pelas Nações Unidas, distingue duas personalidades – um homem e uma mulher – pela sua dedicação ao serviço da humanidade. Nesta primeira edição, foi também premiada a médica-oftalmologista da Namíbia, Helena Ndume. ■



# Um contributo para as políticas públicas

*A conferência Afirmar o Futuro – Políticas Públicas para Portugal, realizada em outubro do ano passado pela Fundação Gulbenkian, já está reunida em dois volumes que apresentam propostas concretas para tornar mais eficazes e sustentáveis as políticas públicas nacionais. Tal como disse o comissário da conferência e coordenador da edição, Viriato Soromenho-Marques, “estes livros representam a grande necessidade que o país tem de políticas públicas”.*

**N**a sessão de apresentação, realizada em final de julho na Fundação Gulbenkian, Viriato Soromenho-Marques lembrou a “situação muito crítica” em que nos encontramos e sublinhou o contributo destes livros para “enfrentar as dificuldades com os olhos abertos”. Antes, o também coordenador das edições e responsável do Institute of Public Policy Thomas Jefferson-Correia da Serra, Paulo Trigo Pereira, tinha registado a transversalidade da “falta de confiança nas instituições e nos agentes políticos”, que é apontada por todos os autores dos artigos, realçando a necessidade de “repor a confiança”.

Ao introduzir as razões que levaram a Fundação Calouste Gulbenkian a promover uma iniciativa como esta, o seu presidente lembrou o programa de assistência financeira a Portugal e a necessidade de o país retomar o caminho do crescimento económico e do investimento. Artur Santos Silva sublinhou o carácter original do trabalho que levou às reflexões agora transpostas para livro, a partir de quatro *workshops* iniciais em que os autores discutiram propostas e medidas, ouvindo e recolhendo opiniões e perspetivas muito diferentes umas das outras. Um trabalho que o investigador João Ferrão, autor do capítulo dedicado ao Ambiente e Território, considera que fez “mais do que muitas universidades porque permitiu a troca de opiniões e reflexões entre todos”. Citando o dia das próximas eleições legislativas – 4 de outubro –, João Ferrão disse haver “uma data para ler estes livros” porque a sua leitura vai ser “interessante para decidir”.

## LEITURAS

Tal como a conferência, os livros indicam diagnósticos e terapêuticas que se traduzem em iniciativas concretas e em melhores políticas públicas, nas áreas do Estado, Instituições e Políticas Sociais (vol. I) e nas áreas do Desenvolvimento Sustentável, Economia, Território e Ambiente (vol. II), constituindo um desafio dirigido aos decisores políticos e à sociedade portuguesa.

Assim, no volume I, podem encontrar-se intervenções sobre a reforma do sistema político, o crescimento e o emprego, bem como novas ideias sobre a Justiça. A reforma estrutural do sistema de pensões, a despesa pública em saúde ou os efeitos do ajustamento pós-troika são estudados também pelos vários especialistas que assinam artigos neste volume, que inclui ainda a conferência de um dos convidados estrangeiros, Mark Blyth, com o sugestivo título: “Se está a atravessar o Inferno, procure uma saída”.

No segundo volume, a sustentabilidade e o desenvolvimento são os temas predominantes, e nos vários artigos de fundo podem encontrar-se temas como a investigação e inovação, a competitividade, políticas de ambiente, energia e território, sempre a olhar para o espaço europeu em que Portugal está inserido. É precisamente sobre a Europa que se interroga Paul de Grauwe, que a propósito da crise do euro conclui que “não há um futuro para o euro exceto no seio de uma união política”. ■

# Melhorar a aprendizagem nas escolas

Este ano, a Fundação Calouste Gulbenkian apoiou sete projetos inovadores de diferentes escolas do país para desenvolver a criatividade, o espírito de iniciativa e as competências dos alunos. Estes apoios estão enquadrados pelo Projeto EMA – Estimulo à Melhoria das Aprendizagens, criado pela Fundação em 2011, e que já levou à concretização de cerca de 30 projetos que promoveram a qualidade educativa, estabelecendo laços entre as escolas e a comunidade.

## Projetos apoiados em 2015:

### *O Mar, o nosso parceiro!*

#### **Agrupamento de Escolas de Peniche**

Sensibilizar os alunos para os recursos naturais e culturais da região, incentivando o trabalho experimental e carreiras relacionadas com o mar.

### *Tejo: um rio de conhecimento* Escola Secundária Manuel Cargaleiro, Amora

Trabalhar várias disciplinas em torno de um tema - o Tejo - promovendo a articulação curricular de várias matérias, por meio de recursos inovadores no domínio das TIC.

### *Clube da ciência "Os Pequenos*

#### *Einsteins" Agrupamento de Escolas do Cerco, Porto*

Criar um novo espaço para a divulgação e exploração da ciência, através das

novas tecnologias, alargando a participação a alunos do concelho do Porto.

### *De Redondo para o Mundo – Nascidos para empreender com as novas tecnologias* Agrupamento de Escolas de Redondo

Uso da tecnologia para melhorar a interatividade, a colaboração e a aprendizagem independente, implementando práticas educativas com recurso ao *tablet*.

### *Do 9.º ao 10.º ano – preparar o sucesso no ensino secundário* Agrupamento de Escolas de Alvalade, Lisboa

Atividades para desenvolver as competências pessoais, sociais e académicas dos alunos e o trabalho dos professores, de modo a facilitar as escolhas e a integração no ensino secundário.

### *Cursos de ciências experimentais para alunos do ensino secundário, 9.º ano e 4.º ano* Agrupamento de Escolas de Águeda Sul

Apostar no ensino das ciências experimentais, com o contributo de investigadores doutorados das Universidades de Coimbra e de Aveiro, através do Instituto de Educação e Cidadania

### *LEWA (Inovar – Laboratório de Estimulo Web das Aprendizagens)*

#### **Agrupamento de Escolas Carlos Gargaté, Charneca da Caparica**

Desenvolver competências por meio de abordagens inovadoras, com o apoio de tecnologias e o recurso à metodologia de suporte *inquiry based-learning*. ■

## Mobilidade artística no Mediterrâneo e América Central

Mais de duas dezenas de agentes culturais da América Central e do Sul, da Europa, do Médio Oriente e da região do Mediterrâneo reuniram-se este verão na Fundação Calouste Gulbenkian para uma discussão sobre Fundos para a Mobilidade Artística e Cultural no Mediterrâneo e na América Central.

No encontro, que decorreu durante dois dias à porta fechada, estiveram representadas organizações de 21 países, entre os quais Costa Rica, Guatemala, Venezuela, Tunísia, Síria, Líbano e Marrocos. Representantes dos ministérios da Cultura do Iraque e de França também participaram nas sessões em que ficou expressa a preocupação com os artistas e intelectuais isolados na Síria ou no Iraque, e com a opressão e instabilidade política de locais como a Palestina e a Venezuela.

Coorganizada pelo Fundo Roberto Cimetta e o Programa Gulbenkian Próximo Futuro, com o apoio e a participação ativa da Câmara Municipal de Lisboa, esta reunião discutiu aspetos em que as duas regiões – Mediterrâneo e América Central – se aproximam: necessidades e direitos dos artistas e agentes culturais com vista à flexibilização dos apoios que respeitem a liberdade de expressão e os processos criativos e valorizem o papel dos artistas como agentes de mudança na sociedade. Todos os participantes partilharam uma visão de que a mobilidade artística e cultural é essencial para a dinâmica de integração social, sugerindo que as políticas culturais devem dizer respeito tanto aos habitantes locais como à diáspora, e sublinhando o seu potencial de união entre todas as políticas públicas. ■

[www.cimettafund.org](http://www.cimettafund.org)



A *Tecedura do Caos*, Tânia Carvalho © Margarida Dias

## Apoio à internacionalização de artistas

**E**ste ano, os apoios à internacionalização atribuídos pelo Programa Gulbenkian de Língua e Cultura Portuguesas contemplaram 16 projetos nas áreas do Teatro e da Dança. Na área da Dança, entre os jovens criadores apoiados destacam-se João Dinis Pinho e Joana Castro, o primeiro com o espetáculo *Age*, apresentado na Islândia num contexto rural, e a segunda com *Perto... tanto quanto possível*, criado no âmbito da iniciativa *Unfinished Fridays*, em Berlim. A Fundação apoiou também a participação do jovem dramaturgo Ricardo Cabaça no seminário *O Obrador d'Estiu*, em Barcelona, orientado pelo britânico Simon Stephens. Com o objetivo de fixar criadores na cena artística internacional salientam-se os apoios aos bailarinos Ana Rita Teodoro, com o espetáculo *Shade*, e João dos Santos Martins com Projeto Continuado. Ambos marcarão presença no *ImPulsTanze – Vienna International Dance Festival*, no âmbito do projeto (8:tension) *Young Choreographers' Series*. No campo do teatro foi distinguido, entre outros, o espetácu-

lo *Atlas Montréal* de Ana Borralho e João Galante, que terá a colaboração de uma centena de pessoas daquela cidade canadiana. Foram ainda contemplados artistas estabelecidos em fase estruturante de novas abordagens, destacando-se, na Dança, o projeto de André Braga, *Paus e Pétales*, que será apresentado no Teatro Libero *Incontroazione* de Palermo e a digressão de Tânia Carvalho por França, na mostra *Uzés Dance*, e por Itália no Festival Venetto em Bassano de Grappa. A Fundação apoia também o regresso de João Fiadeiro ao trabalho coreográfico com uma residência em Itália que o levará a apresentar a sua criação *Now/Here* no Festival Internazionale del Teatro in Piazza, em Santarcangelo. Referência ainda para o espetáculo da companhia Amarelo Silvestre, *Sangue na Guelra*, com texto de Fernando Giestas, que fará, com o apoio da Fundação, uma digressão por quatro cidades do Brasil. A encenação estará a cargo de Rogério de Carvalho, que esteve presente este ano no festival *Chantiers d'Europe*, em Paris. ■



Simulação virtual do projeto

## Museu de Arte Cristã de Goa com projeto de renovação

Um projeto de renovação para o Museum of Christian Art (MoCA) de Goa, que acolhe um valioso acervo indo-português e é único no seu género em todo o continente asiático, foi apresentado e oferecido às autoridades de Goa pela Fundação Calouste Gulbenkian. O projeto pretende responder à necessidade de dotar o museu de infraestruturas contemporâneas e de atualizar o seu plano museológico e museográfico.

Inaugurado a 23 de janeiro de 1994, no Seminário de Rachol, na presença do então Presidente da Índia Shankar Dayal Sharma, o MoCA foi criado pelas autoridades indianas com apoio financeiro e técnico da Fundação Calouste Gulbenkian. Alguns anos mais tarde, foi transferido para o Convento de Santa Mónica, em Velha Goa, onde funciona desde 2002. Este edifício apresenta características muito distintas do espaço onde o MoCA foi alojado inicialmente, o que dificultou a recriação do percurso original que se propunha aos visitantes, evidenciando a necessidade de a nova morada do MoCA dispor de um projeto museológico e museográfico específico.

Reconhecido internacionalmente pela sua coleção única, o MoCA acolhe peças produzidas na Índia por artistas hindus que, durante vários séculos, utilizaram objetos religiosos europeus como modelo para as suas próprias interpretações. Para o MoCA foram selecionadas peças indo-portuguesas produzidas sobretudo em Goa, e foi realizado um levantamento exaustivo entre as igrejas cristãs de Goa para identificar e classificar as peças que viriam a ser incluídas

no museu. Da sua coleção fazem parte peças fundamentais como a custódia em prata, de grandes dimensões, em figura de pelicano e o baixo-relevo representando Santa Úrsula e as Onze Mil Virgens.

O novo projeto museológico desenvolvido pela Fundação propõe a organização de núcleos segundo a tipologia das peças (escultura, ourivesaria, têxteis, pintura e mobiliário) favorecendo a sequência cronológica, privilegiando uma leitura segundo os processos criativos ao longo dos séculos, mais do que o seu enquadramento em termos de liturgia. Propõe ainda uma melhoria geral do complexo museológico, separando, de forma clara, a área expositiva das estruturas administrativas, e tendo em consideração recomendações internacionais revistas à luz das especificidades do clima de Goa.

Na apresentação do projeto, o arcebispo de Goa sublinhou o contributo da Fundação Calouste Gulbenkian ao longo de mais de duas décadas na consolidação do MoCA. Na cerimónia realizada dia 30 de junho, no Palácio do Arcebispo, marcaram presença várias personalidades locais, entre as quais a ministra dos Museus do Governo de Goa, Alina Saldanha, o diretor do Turismo, Amey Abhyankar, o cônsul honorário da Alemanha em Goa, Dean Menezes, o embaixador de Portugal na Índia, Jorge Roza, e o cônsul geral de Portugal em Goa, Rui Carvalho Baceira. Em representação da Fundação Calouste Gulbenkian esteve o administrador Eduardo Marçal Grilo, e ainda Maria Fernanda Matias e a arquiteta Rita Albergaria, que assina o projeto. ■

# Sara Chang Yan – Prémio de Artes Visuais para Jovens Criadores

**S**ara Chang Yan é a vencedora da 1.ª edição do Prémio de Artes Visuais para Jovens Criadores, uma prémio trienal no valor de sete mil euros, criado pela Fundação Calouste Gulbenkian para dar a conhecer e estimular a criação de trabalhos originais sobre os seus edifícios, jardins e coleções.

Entre as 16 candidaturas elegíveis, o júri, presidido pelo pintor Manuel Costa Cabral e constituído ainda por Francisco Tropa, artista, e Lúcia Afonso, investigadora e historiadora de arte, selecionou um conjunto de seis obras, duas na categoria de Obras Finalizadas e quatro na categoria de Ideias/Projetos.

Concorrendo na categoria de Obras Finalizadas, Sara Chang Yan, nascida em Lisboa, em 1982, e com formação em Arquitetura, Desenho e Artes Plásticas, apresentou uma série de desenhos sobre as várias possibilidades de ver e sentir a Fundação Gulbenkian, obtendo a unanimidade do júri. Nesta categoria foi atribuída uma menção honrosa a Francisco Romão pelo seu trabalho de fotografia a partir dos edifícios e jardins da Fundação.

Na outra categoria contemplada, Ideias/Projetos, o júri deliberou não conceder qualquer prémio, atribuindo, no entanto, duas menções honrosas, a Gil Delindro (proposta de instalação para o Grande Auditório e Jardim) e a Dileydi Florez Barrera (ilustração e *design* aplicados aos Manuscritos Islâmicos Ilustrados do Museu Gulbenkian).



O Prémio de Artes Visuais para Jovens Criadores destina-se a artistas de nacionalidade portuguesa ou estrangeira, com idades compreendidas entre os 25 e os 35 anos, que tenham terminado uma formação completa numa escola portuguesa de artes há menos de três anos.

O prémio, que terá três edições, será entregue na sede da Fundação Gulbenkian, no dia 6 de outubro, às 18h. ■

# Flautista da Orquestra Gulbenkian vence prémio internacional

**A**malia Tortajada, flautista da Orquestra Gulbenkian, foi distinguida com o prestigiante prémio Rising Star 2015 no Galway Flute Festival, realizado na cidade suíça de Weggins. O prémio foi entregue pelo lendário flautista Sir James Galway, após uma competição que envolveu mais de 30 jovens músicos de todo o mundo. Nascida em Valência em 2008, Amalia Tortajada estudou no Conservatório Superior de Música Joaquín Rodrigo e no Royal College of Music, em Londres, e é membro da Orquestra Gulbenkian desde janeiro de 2012. Na sequência deste prémio, Amalia Tortajada dará um recital como artista convidada na próxima edição do Galway Flute Festival. ■



Amalia Tortajada e James Galway



## À volta da *Orpheu* na *Colóquio-Letras*

A nova edição da *Colóquio/Letras* é dedicada ao centenário da revista *Orpheu* e conta com a colaboração de estudiosos e ensaístas como Eduardo Lourenço, Pedro Serra, Patrícia McNeill, Teresa Rita Lopes, Paula Mendes Coelho; e também de Fernando Cabral Martins, Paulo Alexandre Pereira e Paula Morão, que exploram o contexto do surgimento da revista. Tania Martuscelli assina um artigo sobre a revista *Atlântida*, publicada no Brasil e em Portugal entre 1915 e 1920, e que esteve na base do projeto da *Orpheu*. São ainda apresentados inéditos de Armando Côrtes-Rodrigues, previstos para a *Orpheu 3*, e um texto de Aquilino Ribeiro sobre Teixeira de Pascoaes.

Com capa e separadores criados a partir de trabalhos de Adriana Molder, o n.º 190 da *Colóquio-Letras* inclui também poemas de Pedro Mexia e Luis Maffei, um excerto, em pré-publicação, do novo romance de António Lobo Antunes e as habituais secções de Notas & Comentários e Recensões Críticas. Em suplemento é revelado um inédito de Almada Negreiros, escrito em resposta a declarações de António Ferro sobre a criação de um lar de repouso para artistas. ■



## Descobrir Programação para escolas 15/16

Com mais um ano letivo à porta, o Descobrir – Programa Gulbenkian Educação para a Cultura e Ciência elaborou um conjunto de propostas pedagógicas a pensar na comunidade escolar – alunos e professores do pré-escolar ao ensino superior –, sem esquecer academias e universidades seniores e outras associações culturais. A programação completa já se encontra no *site*, com destaque para a oficina Moby Dick, o jogo Cubo Secundárias, a terceira edição do Pequeno Grande C e o regresso do concurso FameLab. ■

[www.descobrir.gulbenkian.pt](http://www.descobrir.gulbenkian.pt)

## 25 anos da Convenção dos Direitos da Criança em Portugal

No dia 24 de setembro, o Auditório 2 da Fundação recebe a conferência *Convenção dos Direitos da Criança*, que assinala os 25 anos da Convenção em Portugal, ratificada a 21 de setembro de 1990. A data será aproveitada para reforçar o compromisso do país na defesa deste conjunto de direitos fundamentais – civis, políticos, económicos, sociais e culturais – de todas as crianças.

Organizada pelo Programa Gulbenkian Inovar em Saúde e pela Associação para as Crianças de Santa Maria (HSM), a conferência terá a presença de Maria Cavaco Silva e a participação de conferencistas internacionais como Niall Muldoon (provedor para as Crianças, Irlanda), Michelle Funk (OMS) e Antony Morgan (Glasgow Caledonian University), entre muitos outros convidados. ■

## Apoio às reformas do ensino básico guineense

**A** Fundação Calouste Gulbenkian e o Ministério da Educação Nacional da Guiné-Bissau assinaram um memorando de entendimento para lançar a reforma curricular do ensino básico (1.º ao 9.º ano), que não sofre alterações desde 2001. O apoio técnico da Fundação e da Universidade do Minho foi solicitado por aquele Ministério e tem como objetivo a conceção, execução, acompanhamento e monitorização da reforma curricular, no sentido de promover a gradual melhoria da qualidade e eficácia do ensino básico de nove anos, no quadro do projeto Quality Education for all, aprovado pelo Banco Mundial. O Governo guineense considera que o currículo atual está desajustado do quadro constitucional vigente e que não responde aos novos desafios colocados pelo recente Plano Estratégico Guiné-Bissau 2025.

A Fundação Gulbenkian participará na produção e aquisição de materiais de apoio didático às escolas do 1.º ciclo, em ações de formação à distância, na realização de estágios de formação de curta duração em Portugal e na organização de seminários na Guiné-Bissau. ■



## Inspirar Ciência: a Matemática para a Vida

**O** curso Inspirar Ciência, realizado anualmente pelo Instituto Gulbenkian de Ciência (IGC) para ajudar a refrescar conhecimentos e discutir os mais recentes avanços feitos em diversas áreas da Biologia, vai abrir-se este ano à Matemática. Pela primeira vez, o IGC procura inspirar os professores de Matemática a introduzirem conceitos matemáticos na sala de aula por meio da modelação e análise de sistemas biológicos, e assim mostrar aos alunos uma aplicação da Matemática no mundo real. Ao longo do curso, os professores vão trabalhar lado a lado com investigadores do IGC como Jorge Carneiro, Claudine Chaouiya, Filipa Alves, Daniel Sobral, Erida Gjini e Pedro Fernandes. O curso Inspirar Ciência: A Matemática para a Vida decorre no IGC, em Oeiras, nos dias 3, 4, 10 e 11 de setembro. ■



## IGC acima da média nacional de financiamentos à ciência

**O**s 33 grupos de investigação do Instituto Gulbenkian de Ciência que se candidataram a financiamento da Fundação para a Ciência e a Tecnologia (FCT) viram mais de metade dos seus projetos aprovados no último concurso. A taxa de sucesso do IGC, na ordem dos 36 por cento, supera a média nacional de 13 por cento. São 18 os grupos de investigação que em três anos vão receber apoio da FCT no valor de 180 a 200 mil euros. No total, estima-se que os investigadores do IGC atraíram entre 3,2 e 3,6 milhões de euros, correspondendo a cerca de três por cento dos 118,7 milhões de euros destinados a este concurso. A FCT convidou todas as áreas científicas a submeterem projetos de investigação ao concurso, tendo sido avaliados 5 459 projetos dos quais 689 foram aprovados. ■



*Naércio Magaia | 33 anos \**

## **Usar as redes para diminuir a pobreza**

*Naércio David Pedro Magaia é natural de Maputo, Moçambique, e licenciou-se em Engenharia Eletrotécnica (ramo de Correntes Fracas) pela Universidade Eduardo Mondlane em Maputo. Tem um mestrado em Engenharia de Redes de Comunicação (hoje designado como Engenharia de Telecomunicações e Informática) pelo Instituto Superior Técnico (IST), Universidade de Lisboa. Atualmente, é aluno de doutoramento em Engenharia Eletrotécnica e de Computadores, no IST.*

### **A ENGENHARIA FOI A SUA ESCOLHA DESDE SEMPRE?**

Sempre quis ser engenheiro. Aquando do final do 12.º ano, em conversa com os meus pais, concluímos que o curso de Engenharia Eletrotécnica era a melhor opção tendo em conta as necessidades presentes e futuras do país e a minha aptidão para a Física e a Matemática. O ramo de Correntes Fracas deste curso tinha como saídas profissionais as áreas de Controlo Automático, Computação e Telecomunicações; sempre tive inclinação para estas duas

últimas, tanto que atualmente me encontro a fazer investigação na área de Redes de Comunicação.

### **LICENCIOU-SE EM MOÇAMBIQUE, O SEU PAÍS DE ORIGEM. PORQUE ESCOLHEU PORTUGAL PARA CONTINUAR O SEU PERCURSO ACADÉMICO?**

Para dar seguimento aos estudos, a grande maioria dos candidatos tem de recorrer a financiamento, podendo este ser por meio de uma bolsa de estudo, como foi o meu caso.



Lisboa

Portugal tem a vantagem da língua, para além de possuir algumas instituições reconhecidas, nacional e internacionalmente, como o Instituto Superior Técnico na área das engenharias.

Tendo como objetivo obter uma formação de qualidade na minha área de interesse (Redes de Comunicação), e numa instituição de prestígio, Portugal reunia todas as condições.

**GOSTARIA QUE, DE ALGUMA FORMA, O SEU TRABALHO TIVESSE IMPACTO EM MOÇAMBIQUE?**

Penso que o desejo de qualquer investigador passa por ver o seu trabalho e esforço reconhecidos. Além disso, a disponibilização de novas Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC) e a cooperação com o sector privado fazem parte dos Objetivos do Milénio. As TIC podem ajudar, entre outras coisas, a reduzir a pobreza, a melhorar o ensino e os serviços de saúde e a tornar os serviços governamentais mais acessíveis. Inúmeros projetos relacionados com as redes tolerantes a atrasos têm vindo a ser desenvolvidos até aos dias de hoje. Estas redes possibilitam que serviços que não sejam em tempo real, por exemplo a troca de *emails*, sejam disponibilizados em regiões remotas, isto é,

regiões em que infraestruturas de redes móveis não são economicamente viáveis. As redes tolerantes a atrasos são um paradigma das redes de comunicação com grande aplicabilidade em Moçambique.

**COMO IMAGINA A SUA VIDA DAQUI A 10 ANOS?**

O doutoramento em Engenharia Eletrotécnica e de Computadores tem como saídas profissionais o desempenho de cargos de docência no ensino superior, trabalhar em laboratórios e institutos de investigação, bem como trabalhar na indústria e serviços. Tenho preferência pela área académica dado o meu gosto pela investigação. Assim sendo, vejo-me nos próximos anos a desempenhar funções de docência, com uma componente de investigação, ou fazendo investigação no sector privado.

**GOSTA DE VIVER EM LISBOA?**

Sempre vivi em Maputo, capital de Moçambique, estando por isso habituado a viver em grandes cidades. Lisboa, como capital que é, torna possível o acesso a todo um conjunto de bens e serviços. ■

\* *Doutoramento em Engenharia Eletrotécnica e de Computadores*

# em setembro



# Música e teatro no final do Próximo Futuro



*The Circle of the Square* © Vassilis Makris

*Até 15 de setembro, o Próximo Futuro despede-se com a Orquestra de Câmara Portuguesa e vários espetáculos de teatro inéditos em Portugal – da Argentina, do Chile e da Grécia. O teatro em português também marca presença com a peça encenada por Manuel Wiborg Vou Lá Visitar Pastores, a partir da obra do angolano Ruy Duarte de Carvalho. Nestes dias, o Jardim também estará animado com a projeção de filmes, música e conversas na Casa-Arquivo.*

**É** com o concerto *OCP: ESPÍRITO RADICAL!* que arranca a segunda e última parte da programação do Próximo Futuro, que termina ao fim de sete anos de atividade. Dias **4 e 5 de setembro**, no palco do Grande Auditório Gulbenkian, Pedro Carneiro faz-se acompanhar de 13 músicos da Orquestra de Câmara Portuguesa (OCP) para interpretar peças de Iannis Xenakis e de Louis Andriessen. “Sempre apreciei criadores subversivos, provocadores”, assume Pedro Carneiro, percussionista e um dos mais originais músicos da atualidade, que foi Prémio Gulbenkian Arte em 2012.

*Okho*, escrita por Xenakis em 1989 para três djembés (tambores de porte robusto da África Ocidental), por encomenda do Estado francês para celebrar o 200.º aniversário da Revolução Francesa, foi “uma provocação ao espírito colonialista francês”, observa o diretor artístico da OCP, que concebeu este espetáculo em conjunto com António Pinto Ribeiro. Mas a obra *Workers Union*, escrita por Andriessen em 1975, não será menos provocadora: “É uma combinação de liberdade individual e disciplina severa”, diz o músico,

sublinhando o ritmo imensamente detalhado da obra, apesar das notas serem indicadas de forma aproximada. Citando o próprio Andriessen: “É difícil tocar num agrupamento com estas diretivas: o mesmo se passa com a organização de uma ação política”. O público também será convidado a participar, através da leitura ao vivo de textos selecionados de Amílcar Cabral e Frantz Fanon.

## **DA AMÉRICA DO SUL À GRÉCIA**

No dia **5**, o Próximo Futuro apresenta a primeira de cinco peças que compõem a programação de teatro desta edição: *El Loco y La Camisa*, trazida à cena pela companhia de teatro independente Banfield Teatro Ensemble, da Argentina. Na Sala Vermelha do Teatro Aberto, que se associa a esta última edição do Próximo Futuro, a loucura, a convivência familiar, a revelação da verdade e a violência doméstica cruzam-se numa encenação que arrebatou o público argentino, tendo cumprido cinco temporadas ininterruptas em Buenos Aires, para além das *tournees* internacionais e

apresentações em festivais, onde obteve vários prêmios e excelentes críticas da imprensa especializada.

No Anfiteatro ao Ar Livre da Fundação, de **6 a 8 de setembro**, apresenta-se ***Vou Lá Visitar Pastores***, uma encenação de Manuel Wiborg a partir da obra do escritor, antropólogo, poeta e cineasta angolano Ruy Duarte Carvalho, falecido em 2010. Trata-se de uma revisitação do espetáculo encomendado pela Culturgest em 2003, baseado no livro *Vou Lá Visitar Pastores*, um vasto fresco sobre os Kuvale, sociedade pastoril do Sudoeste de Angola. Passados 40 anos sobre a independência do país, regressamos a um teatro documental onde o texto, a fala e os documentos visuais se combinam num espetáculo de uma enorme beleza, sobre uma região e uma população no mais profundo da terra africana. As imagens projetadas neste espetáculo, com exceção dos mapas e esquemas, foram selecionadas a partir de um conjunto de desenhos, fotografias e gravações vídeo captadas por Ruy Duarte de Carvalho em território Kuvale.

Do Chile, chega a companhia Silencio Blanco, que tem a particularidade de trabalhar com marionetas feitas de papel, e em silêncio. Fazem espetáculos intimistas, contando histórias através dos movimentos, dos gestos e de universos sonoros, sem recorrer às palavras. É o que acontece em ***Chiflón, El Silencio del Carbón*** (**9 a 12 de setembro**), o primeiro dos dois espetáculos que apresentam em Lisboa, sobre o quotidiano de um jovem mineiro que se vê obrigado a trabalhar numa perigosa mina. O espetáculo faz uma releitura do conto *El Chiflón del Diablo* de Baldomero Lillo, eminente autor chileno, evocando uma realidade esquecida pela História, ou talvez enterrada nas profundezas das minas de carvão, imersas num verdadeiro silêncio negro. A companhia chilena traz ainda na bagagem ***De Papel*** (**12 e 13 de setembro**), dirigida aos mais novos, em que uma marioneta de papel se relaciona com os seus manipuladores e



*Chiflón, El Silencio del Carbón* © Lorenzo Mella

com o público, convivendo e dialogando com a sua inocência mais profunda – a que vem da infância.

A **14 e 15 de setembro**, o jovem encenador grego Dimitris Karantzas (28 anos) traz ao Grande Auditório Gulbenkian a sua encenação da obra ***A Circularidade do Quadrado***, em que 11 personagens de diferentes géneros, gerações e preferências sexuais partilham uma necessidade irresistível: ser amadas. O texto é do mais célebre autor contemporâneo grego, Dimitris Dimitriadis, e o resultado é um trabalho que aborda a qualidade implacável da vida e a crueza do amor, pondo em cena reviravoltas, inversões e repetições. “Um dos mais belos espetáculos de Avignon”, escreveu o ano passado o jornal francês *Libération* sobre o festival onde se apresentou a peça que agora chega à Fundação, para encerrar o Próximo Futuro. ■

[www.proximofuturo.gulbenkian.pt](http://www.proximofuturo.gulbenkian.pt)

## Casa-Arquivo (Jardim Gulbenkian)

4, 5, 6 E 11 SETEMBRO, 18H30

**CICLO DE CURTAS E MÉDIAS METRAGENS**

*Entrada livre*

9 SETEMBRO, 18H30

**PACHAMAMA, A LEI DA MÃE-TERRA**

Conversa com Viriato Soromenho-Marques, Juan Marchena Fernandez e Aurora Carapinha

*Entrada livre*

10 SETEMBRO, 18H30

**HANG IN THE GARDEN**

Concerto de Hang (Handpan)

Com Kabeção Rodrigues



Casa-Arquivo © Tatiana Macedo

## Dia das aves no Jardim Gulbenkian

*Com o outono a aproximar-se, o Descobrir – Programa Gulbenkian Educação para a Cultura e Ciência concebeu um dia de atividades dedicadas às aves que encontram nos jardins da Fundação o local ideal para descansar, ou até para viver.*

**O** dia começa com a oficina para adultos e famílias **Um anel precioso – anilhagem científica de aves**, centrada na técnica utilizada em ornitologia para estudar aspetos biológicos, ecológicos e comportamentais das aves, assim como os seus hábitos migratórios. Durante a atividade, será possível presenciar uma sessão de anilhagem de aves selvagens por técnicos credenciados [9h30, maiores de 8 anos].

Em **Biblioteca itinerante onde nasce um livro gigante**, públicos de todas as idades poderão revisitar uma das antigas carrinhas das bibliotecas itinerantes da Fundação Calouste Gulbenkian, que levaram a leitura a todo o país. Nesta atividade de entrada livre, concebida e orientada por Margarida Rodrigues e Sofia Martinho, todos os participantes serão também desafiados a criar as suas próprias aves de sonhos e fazê-las voar pelos jardins Gulbenkian [10h30, todas as idades].

Também em **O multiplicador de aves do Jardim**, os participantes vão poder usar as suas próprias mãos para criar, imaginar e pintar as aves que por cá habitam. No final, cada um terá um ninho recheado de aves catalogadas [11h, dos 4 aos 10 anos].

**Contos nos jardins e jardins nos contos** transforma o Jardim num local para ouvir e contar histórias, sob a temática das aves. Mais uma vez, os recantos do Jardim, os pequenos e discretos habitantes, as árvores, as flores e a água são os grandes protagonistas de narrativas que ajudam a compreender a Natureza [11h, todas as idades].

Com jogos e brincadeiras, **Pássaros na terra, na água e no ar** desafia os participantes a conhecer toda a diversidade de pássaros que passam pelos Jardins da Gulbenkian, dos que gostam de comer as bagas dos arbustos aos que preferem procurar sementes no chão, passando por aqueles que pescam os peixes do lago [15h, dos 4 aos 10 anos].

Ainda no Jardim, haverá um encontro de *urban sketchers*, com o título, **Garden sketching – encontro de urban sketchers no Jardim Gulbenkian**. Todos vão poder desenhar os ambientes que os rodeiam, desde que tragam um bloco de desenho e material para desenhar [14h30, todas as idades]. O Museu Calouste Gulbenkian também abre as suas portas a duas oficinas sobre **Aves e pássaros: dos reais aos imaginários**, mostrando a sua relação com várias obras do Museu onde estão representados [11h, maiores de 12 anos e 14h30, maiores de 4 anos]. ■

## Festival Jovens Músicos

Horácio Ferreira, vencedor do Prémio Jovens Músicos 2014. © Pedro Araújo Pina

No final deste mês arranca mais uma edição do Festival Jovens Músicos, uma iniciativa conjunta da RTP-Antena 2 e da Gulbenkian Música, que, ao longo de três dias, vai apresentar um diversificado programa de concertos, debates e eventos, a enquadrar a entrega de prémios aos jovens talentos da música nacional. Juntam-se a esta festa premiados de edições anteriores, assim como várias formações convidadas. Este ano, o tema em foco será a inclusão social através da música, com a participação de alguns especialistas e a apresentação de projetos apoiados pelo Programa Gulbenkian de Desenvolvimento Humano, como a Orquestra Juvenil Geração, que atuará durante o Festival.

No ano em que o Prémio Jovens Músicos celebrava a sua 25.<sup>a</sup> edição, em 2011, o compositor Luís Tinoco, que já vinha assumindo a direção artística desde 2007, desenhou uma edição comemorativa com uma programação mais alargada e diversificada. O sucesso dessa edição levou os parceiros a manterem este formato nas edições seguintes, surgindo, desde então, um Festival anual que entra agora na sua 5.<sup>a</sup> edição. **Luís Tinoco** realça o carácter único deste festival em Portugal.

### DESDE QUE ASSUMIU A DIREÇÃO DO PRÉMIO JOVENS MÚSICOS (PJM) O QUE MUDOU NA ESTRUTURA DESTA INICIATIVA?

Na realidade, tenho procurado dar continuidade a um evento que estava bem pensado e estruturado e que tem funcionado, desde a sua criação, há 29 anos, como um veículo precioso para a revelação e promoção de novos talentos na área da música erudita. O sucesso desta iniciativa promovida pela Antena 2 é visível na forma como a grande maioria dos jovens músicos laureados tem conseguido

afirmar-se no circuito nacional e, cada vez mais, também nos circuitos internacionais.

Neste contexto, para além da já referida continuidade, temos procurado que o PJM seja também um reflexo das tendências e expectativas das novas gerações que vão surgindo e do que vai mudando no nosso sistema de ensino. Assim, nos últimos anos, apostámos fortemente na inclusão de novas categorias a concurso, como sejam os casos da Música Jazz, da Música Antiga, do Canto, ou de instrumentos como a harpa, o acordeão ou a tuba. Isto, claro, sem prejuízo dos outros instrumentos e categorias que formaram a base do Prémio desde a sua criação.

Entre outras mudanças relevantes, destaco a forte aposta na inclusão de repertório português nos programas de concurso, bem como na divulgação do trabalho de jovens compositores. Em cada ano, passámos a encomendar peças de concurso e, contando com as composições que foram criadas para a presente edição, atingimos já um número significativo de 50 peças de concurso, todas disponíveis através de edições profissionais.

Acrescento ainda que, por considerarmos que as oportunidades de trabalho são o melhor prémio que se pode dar aos jovens músicos, ao longo dos últimos anos temos intensificado a nossa rede de parcerias com salas de concerto e festivais, um pouco por todo o país e, também, com o estrangeiro, apoiando iniciativas que lhes permitam experiências formativas além-fronteiras.

### O QUE LEVOU A ORGANIZAÇÃO A OPTAR PELO ATUAL FORMATO DE FESTIVAL?

Criámos o festival em 2011, em parceria com a Gulbenkian Música para assinalar a 25.<sup>a</sup> edição do Prémio. O sucesso da

iniciativa justificou que essa celebração passasse a ser um modelo que, desde então, temos vindo a repetir com idêntico sucesso. Este Festival tem características únicas, dado não existir outro em Portugal com idêntica dimensão e visibilidade, que seja totalmente centrado no trabalho dos jovens músicos.

Uma ideia central tem sido a programação de ex-laureados como solistas convidados ou integrados em formações de câmara ou orquestrais cujo elenco seja maioritariamente constituído por músicos que foram distinguidos anteriormente no PJM. Assim, para além dos solistas e agrupamentos distinguidos em cada edição, o Festival programa também outros concertos com relevantes figuras do nosso meio musical atual, todas elas mantendo uma relação com o passado do PJM.

A importância para a projeção de jovens músicos é evidente, dado que, durante três dias consecutivos, têm a oportunidade de demonstrar (ou relembrar) o seu valor, beneficiando da visibilidade oferecida pelo magnífico Auditório Gulbenkian e pela forte cobertura mediática assegurada pela RTP 2, Antena 2 e RTP Web, entre outros canais do grupo.

#### QUAIS OS DESTAQUES DA EDIÇÃO DESTA ANO?

Na presente edição do Festival voltamos a contar com a preciosa colaboração do Serviço de Música e temos também,

pela primeira vez, o apoio do Programa de Desenvolvimento Humano da Fundação. Assim, para além dos músicos laureados, solistas, agrupamentos e orquestras convidados, vamos dar especial atenção a projetos com uma louvável componente social, que fazem da música um espaço de inclusão em contextos desfavorecidos. Nomeadamente, programando concertos com o ensemble Juvenil de Setúbal e a Orquestra Juvenil Geração.

Teremos também painéis de debate sobre temas da atualidade musical, apresentações de novos trabalhos discográficos e, claro, faremos algumas estreias mundiais de novas obras de autores portugueses, com especial destaque para a obra vencedora da 4.ª edição do Prémio de Composição SPA-Antena 2, interpretada pela Orquestra Gulbenkian que, desta vez, será dirigida pelo maestro Jean-Marc Burfin. Entre outros agrupamentos convidados, destaco ainda as participações dos Músicos do Tejo – que tocarão com a solista convidada Adriana Ferreira (ex-laureada PJM, flauta); Sete Lágrimas; Ensemble Mpmp – que tocará com os solistas convidados Marina Pacheco (ex-laureada PJM, soprano) e André Baleiro (tenor); Stratos Quartett; e a Jovem Orquestra Portuguesa – que tocará com mais dois solistas ex-laureados PJM, Pedro Lopes (violino) e Ricardo Gaspar (viola de arco). ■

Programa completo em [www.gulbenkian.musica.pt](http://www.gulbenkian.musica.pt)

## Orquestra Gulbenkian ao ar livre

**E**m setembro, a Orquestra Gulbenkian vai realizar vários concertos em diversos locais da cidade. A primeira apresentação terá lugar ao ar livre, na Praça do Município, no dia **20 de setembro**, às 19h. Este concerto, com entrada livre sujeita aos lugares disponíveis, realiza-se no âmbito do programa *Lisboa na Rua*, uma iniciativa cultural de verão promovida pela Câmara Municipal. Dirigida por Pedro Neves, a Orquestra dará a ouvir o *Bolero* de Ravel e *Scheherazade* de Rimsky-Korsakov.

Os concertos seguintes integram a programação do Festival Cantabile, uma iniciativa do Goethe Institut à qual a Gulbenkian Música se tem vindo a associar nas últimas temporadas. O magnífico cenário das Ruínas do Convento do Carmo servirá de palco a um concerto dirigido por Samuel Barsegian, com a colaboração do violinista Barnabás Kelemen (25-09, 21h). As outras atuações, no âmbito deste Festival, envolvem solistas do Estágio Gulbenkian para Orquestra (22-09, 19h, Goethe Institut) e solistas do Festival Cantabile e da Orquestra Gulbenkian (23-09, 19h, Grande Auditório da Fundação; e 26-09, 19h, Banco de Portugal, Largo de São Julião). ■



Praça do Município © José Frade



José de Almada Negreiros, *Duplo retrato*, 1934 © Mário de Oliveira

## Olhos nos Olhos

### O Retrato na Coleção do CAM

**N**esta viagem pelo universo do retrato ao longo do século xx, género largamente representado na coleção do Centro de Arte Moderna, apresentam-se 140 obras de várias filiações estéticas de artistas como Abel Manta, Adrian Wiszniewski, Amadeo de Souza-Cardoso, António Costa Pinheiro, António Dacosta, António Soares, Armando Ferraz, Arpad Szenes, Artur Rosa, Columbano Bordalo Pinheiro, Daniel Blaufuks, Dario Alves, Eduardo Viana, Eurico Lino do Vale, Fernando Lemos, Francis Smith, Frederico George, Gaetan, Gilbert & George, Henrique Pousão, Jane & Louise Wilson, João Hogan, John Coplans, Jorge Molder, Jorge Pinheiro, José de Almada Negreiros, José Dominguez Alvarez, Júlia Ventura, Julião Sarmiento, Júlio, Leonel Moura, Lisa Santos Silva, Lourdes Castro, Mário Eloy, Michael Andrews, Mily Possoz, Ofélia Marques, Pedro Cabrita Reis, Pepe Diniz, Rudolf Hausner e Sarah Affonso. ■

#### Olhos nos Olhos

Curadoria: Isabel Carlos

Até 26 outubro

SALA DE EXPOSIÇÕES TEMPORÁRIAS

DA SEDE DA FUNDAÇÃO GULBENKIAN

## Lourdes Castro

### Todos os livros

**D**ezenas de livros-de-artista realizados por Lourdes Castro desde os anos 50 até hoje estão expostos no Museu Gulbenkian, numa mostra com curadoria de Paulo Pires do Vale. Durante este mês, será lançado o catálogo *raisonné* que vai reunir meia centena de livros-de-artista, numa edição com conceção gráfica de Manuel Rosa e da própria Lourdes Castro, com textos de Paulo Pires do Vale, José Luís Porfírio e da investigadora norte-americana Johana Drucker, uma das maiores especialistas mundiais neste género artístico. ■

#### Lurdes Castro. Todos os Livros

Curadoria: Paulo Pires do Vale

Até 26 outubro

SALA DE EXPOSIÇÕES TEMPORÁRIAS DO MUSEU GULBENKIAN

Organização: Biblioteca de Arte



Parte da obra *Un Autre Livre Rouge* © Márcia Lessa

## Tensão e Liberdade

**E**sta exposição promove o encontro de três importantes coleções ibéricas de arte contemporânea: Fundación “la Caixa”, Museu de Arte Contemporânea de Barcelona (MACBA) e Centro de Arte Moderna (CAM) reunindo meia centena de obras de artistas como Bruce Nauman, Antoni Muntadas, Martin Kippenberger, Mike Kelley, Jeff Wall, Richard Hamilton, Samuel Beckett, Eric Baudelaire, Asier Mendizabal, Roni Horn, Damián Ortega, Miralba, João Abel Manta, Ângela Ferreira, Ana Hatherly, Gabriel Abrantes e Luísa Cunha.

Destaque para a série “As Ruas de Lisboa” (na foto) e para o vídeo *Revolução* de **Ana Hatherly**, artista recentemente desaparecida, largamente representada na coleção do CAM e que marcou a arte portuguesa do séc. xx. ■



### Tensão e Liberdade

Coleções CAM / Fundación “la Caixa” / MACBA

Curadoria: Isabel Carlos

Até 26 outubro | CAM

## X de Charrua

**A**ntológica de António Charrua (1925-2008), que reúne 220 obras que testemunham um percurso artístico ao longo de mais de cinco décadas, desde os primeiros trabalhos em que explora a figuração humana, a cidade e os barcos, até às últimas décadas de produção, em que surgem as grandes extensões de água, os reflexos, a chuva e o vento, que sugerem a passagem do tempo e do homem, em trânsito. ■

### X de Charrua

Curadoria: Ana Ruivo e Leonor Nazaré

Até 26 outubro | CAM

## António Cruz

### Um mundo desenhado a luz

**A**utor de uma obra poética e singular, António Cruz (1907-1983) distinguiu-se como pintor de aguarelas e pelo modo como captou a luminosidade da sua cidade natal, o Porto. Foi protagonista do filme de Manuel de Oliveira, *O Pintor e a Cidade*, realizado em 1956.

Exposição organizada em colaboração com a Cooperativa Árvore. ■

### António Cruz

Curadoria: Laura Soutinho

Até 19 outubro

SALA DE EXPOSIÇÕES TEMPORÁRIAS

DA SEDE DA FUNDAÇÃO GULBENKIAN (PISO 01)

---

e ainda...

## Meeting point

### Fantin-Latour / Manuel Botelho

**P**artindo do tema da natureza-morta, um encontro improvável entre o pintor novecentista francês Henri Fantin-Latour e o artista português contemporâneo Manuel Botelho. ■

Curadoria: Helena de Freitas

e Raquel Henriques da Silva

Até 26 outubro

MUSEU CALOUSTE GULBENKIAN



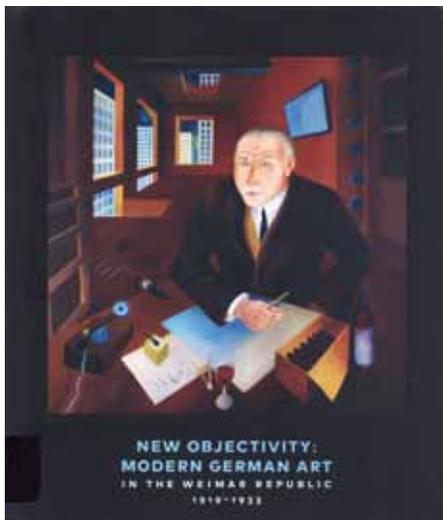
## Regresso ao Cinema

O ciclo P'ra Rir!, que marcou o regresso do cinema ao renovado Grande Auditório da Fundação Gulbenkian em dezembro de 2014, cabe todo neste livro-catálogo assinado pelo programador do ciclo, o cineasta e professor universitário João Mário Grilo. Tal como o próprio explica no texto introdutório, “imaginar este programa nas condições difíceis que o cinema hoje atravessa, ameaçado e desafiado que está por um país social e economicamente deprimido e por uma parafernália de manifestações concorrenciais, não poderia ser tarefa fácil”. Os quase seis meses de duração do ciclo mostraram a boa receção do público aos filmes, uns mais clássicos que outros, exibidos com extraordinárias condições de projeção e num auditório para mais de mil pessoas.

Neste livro podem encontrar-se os textos sobre cada um dos filmes, cerca de meia centena, exibidos nas primeira e segunda partes do ciclo – P'ra Rir! e P'ra Rir! (outra vez) –, assinados pelo seu programador. De *A Quimera do Riso*, de Preston Sturges, que abriu o ciclo, a *Recordações da Casa Amarela*, de João César Monteiro, que o encerrou, vão mais de 200 páginas de história e estórias do cinema, de análise e de prazer pelo que estes filmes, enquanto títulos incontornáveis do cinema, transmitem a quem os vê.

Depois da experiência de ver e rever alguns dos grandes nomes como Chaplin, Buster Keaton, Jerry Lewis, e muitos outros, este livro acrescenta o prazer de ler sobre o que fica na nossa memória de espectador, imortalizando os seus melhores momentos. Tal como escreve João Mário Grilo no texto dedicado a *A Quimera do Riso*: “A única realidade que há a procurar nas imagens e nos sons do cinema é, então, a realidade de um efeito, do efeito que sobre nós ele produz.” ■

# Catálogos de Exposições na **Biblioteca de Arte**



**A** exposição *New Objectivity: Modern German Art in the Weimar Republic, 1919-1933* resulta da colaboração entre o Los Angeles County Museum of Art (LACMA) e a Fondazione Musei Civici di Venezia, cidade onde foi mostrada, no Museo Correr, até 30 de agosto, passando depois para o LACMA, onde poderá ser visitada entre 4 de outubro e 17 de janeiro de 2016.

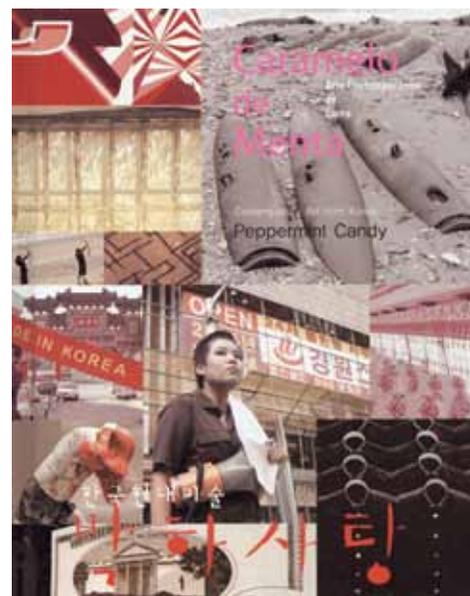
Os “loucos anos 20”, que se seguiram ao primeiro conflito armado à escala global, acabaram funestamente, em 1929, com a queda da bolsa de Nova Iorque. Foi o fim de um tempo em que a Europa tentou esquecer e ultrapassar os traumas do passado recente. Do lado dos vencidos, a Alemanha foi um dos países mais empenhados nesse processo. Os anos de governação da designada República de Weimar – entre 1919 e 1933, ano em que o partido Nazi chegou ao poder – foram política, económica e socialmente agitados e tumultuosos. Cultural e artisticamente foram anos de fervilhante criação, com os artistas a testemunharem nas suas obras as mudanças em curso na sociedade, reivindicando para isso uma “Nova Objetividade”, por oposição ao Expressionismo. Este é o tema desta exposição, que reúne 150 obras – pintura, fotografia e desenho – de mais de 50 artistas,

entre os quais Max Beckmann, Otto Dix, Georg Groz, August Sander, Christian Schad e Lotti Jacobi.

O extenso e bem documentado catálogo que a acompanha tem a coordenação editorial de Stephanie Baron, curadora sénior do LACMA, e de Sabine Eckmann, historiadora de arte especialista em arte alemã, moderna e contemporânea, responsáveis pela exposição; contém nove capítulos com textos de contextualização, aos quais se juntam cinco ensaios temáticos: “Life in democracy and the aftermath of war”; “The city and the nature of landscape”; “Man and machine”; “Still life and commodities” e “New identities: type and portraiture”, profusamente ilustrados com as imagens das obras em exposição. O catálogo apresenta ainda as biografias dos artistas e uma bibliografia selecionada. ■

**E**ste foi o título sugestivo da exposição que no final de 2007 foi mostrada no Museo de Arte Contemporâneo de Santiago, Chile, e que entre maio e julho de 2007 ocupou o espaço expositivo do Museo Nacional de Bellas Artes de Buenos Aires, Argentina. A sua organização foi partilhada entre estes dois museus e o National Museum of Contemporary Art of Korea, e foi a maior exposição realizada até ao momento em museus da América Latina sobre arte coreana contemporânea. Mostraram-se cerca de 80 obras – instalações, fotografias, esculturas, vídeos e *site-specific* – que foram realizadas desde os anos de 1980 até aos primeiros anos do século XXI.

Os 24 artistas escolhidos pela curadora do museu coreano, Seungwan Kang, têm em comum o facto de pertencerem a uma geração que nasceu e cresceu no período que se seguiu à guerra entre as duas Coreias e a consolidação do regime democrático na Coreia do Sul. O catálogo que foi concebido para acompanhar a exposição e que dela nos dá testemunho apresenta-se em três línguas: espanhol, coreano e inglês e, tal como a exposição, tem três partes: “Hecho en Corea”, “El Fantasma de la Nueva Ciudad” e “Paraíso Plástico”. Cada uma destas partes é acompanhada por um texto da autoria da curadora da exposição, em que faz a contextualização da produção artística na atual sociedade sul-coreana, seguindo-se as reproduções das obras expostas. No final existe uma secção com os perfis biográficos dos artistas representados, assim como a lista das obras em exposição. ■



# Biblioteca de Arte

## Lourdes Castro

### **Herberto Helder**

**L**ourdes Castro (Funchal, 1930) realizou os seus primeiros livros quando ainda era estudante da Escola de Belas-Artes de Lisboa, corria o ano de 1956. Ao longo da sua obra, a artista continuou sempre a realizá-los, desempenhando os livros um papel relevante, nem sempre devidamente reconhecido, no desenvolvimento da sua produção artística. E, contudo, os livros de artista de Lourdes Castro permitem, de forma excepcional, compreender e estudar as experiências estéticas e formais que foi explorando. Em cada fase do seu percurso, os livros foram uma espécie de campo fértil onde Lourdes Castro experimentou técnicas – caligrafia, colagem, serigrafia – e explorou qualidades plásticas de materiais – papel, plexiglas, rodhoïd – de forma muito singular.

Esses livros dos anos de Lisboa, continuados em Paris, onde Lourdes Castro se instalou com o seu companheiro René Bértholo, no inverno de 1958, são pequenos e simples – alguns são somente um cartão dobrado – manuscritos primeiro e depois impressos em serigrafia, técnica que Lourdes Castro começou então a utilizar. Muitos deles são únicos e outros tiveram apenas muito reduzidas tiragens. São livros onde a imagem, criada pelo desenho e/ou pelas colagens de todo o tipo de materiais que fazem parte do quotidiano, se articula com a palavra dos textos dos escritores e dos poetas com os quais Lourdes Castro tem afinidades afetivas. Excertos de textos de Rimbaud, Paul Éluard, Apollinaire, Rilke ou Herberto Helder, que a artista transcreve, palavra a palavra, reescrevendo-as às vezes até que percam o seu significado, reduzindo-as a meros signos. Como Margarida Acciaiuoli notou acerca das edições realizadas pelo grupo KWY, do qual Lourdes Castro foi uma das fundadoras, “a palavra é respeitada, isto é, incorporada e devolvida em mancha, ela mesma inscrição concreta dessa manifesta reciprocidade”\*. Imagens e palavras surgem assim nas páginas destes pequenos livros lado a lado, em pé de igualdade, constituindo-se como uma espécie de unidade visual poética. Com as palavras do poema “Prefácio para um Dicionário de Rimas”, escrito pelo poeta Herberto Helder (1930-2015) e publicado em 1957 no n.º2 de uma pequena e efémera

revista literária chamada *Folhas de poesia* (quatro números, 1957-59), criou Lourdes Castro um livro de artista, no ano seguinte, quando já residia em Paris. Poucos anos antes, depois de terem deixado a sua ilha da Madeira natal, a artista e o poeta integraram em Lisboa os mesmos círculos artísticos, que juntaram escritores, poetas e artistas plásticos, e colaboraram em alguns projetos, como, por exemplo, na revista *Folhas de poesia* – para além de Herberto Helder, nela escreveram também Helder Macedo, Jorge de Sena e António Salvado, entre outros –, cujas capas foram criadas por René Bértholo, Lopes Alves, Lourdes Castro (n.º 3) e José Escada.

Para o pequeno livro intitulado *Herberto Helder*, Lourdes Castro escolheu um excerto do poema citado e reescreveu-o à mão, palavra a palavra, compondo com cada uma a mancha gráfica de cada página, imprimindo-o depois a serigrafia, concedendo ao poema uma diferente legibilidade. Numa das páginas, ao lado das palavras de Herberto Helder, a artista colou uma serigrafia feita num pequeno recorte de jornal onde, por debaixo de uma composição pictórica abstrata, se percebem palavras escritas num outro alfabeto.

Este livro, que teve apenas uma edição de 12 exemplares, é um dos livros de artista que integram exposição **Lourdes Castro. Todos os livros**, organizada pela Biblioteca de Arte e que pode ser visitada até 26 de outubro, na Galeria de exposições temporárias do Museu Gulbenkian. ■ **Ana Barata**

\*ACCIAIUOLI, Margarida – “KWY Edições”. KWY, Paris 1958-1968. Lisboa: Centro Cultural de Belém; Assírio e Alvim, 2001; p. 21.

**TÍTULO/ RESP** Herberto Helder / Lourdes Castro

**PUBLICAÇÃO** Paris : [s.n.], 1958

**DESCR. FÍSICA** [7] p. : il. color. ; 27 x 12 cm

**NOTAS** Livro de artista composto por 2 f. de papel branco de grande gramagem; 2 f. de papel cinzento e 1 f. com uma pequena serigrafia original sobre papel de jornal, colada à página e assinada "Lurdes". Texto extraído de "Prefácio para um Dicionário de Rimas", escrito à mão e impresso em serigrafia. Edição não numerada de 12 exemplares  
**COTA(S)** LA 211

cantar onde a  
mão nos tocou,  
o ombro se des-  
fez, onde se fen-  
deu o desejo.  
Cantar na mesa,  
na árvore,  
sorvida pelo  
êxtase.

Cantar sobre o  
corpo da noite  
pedra  
a pedra, chama  
a chama-  
erguido,  
amado,  
perdido.





FUNDAÇÃO  
CALOUSTE GULBENKIAN



# FCG Free Wifi

Acesso livre em todos os espaços da Fundação Gulbenkian